

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

Adolf Hitler

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO DEZESSEIS)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 97818905

Piracicaba - SP

Janeiro de 2018

ÍNDICE

QUEM É SEU FILHO?.....	03
A INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL.....	05
ESPIRITISMO O CONSOLADOR PROMETIDO.....	06
EXTRAORDINÁRIOS FENÔMENOS ESPÍRITAS.....	07
O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS HUMANOS	08
TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL.....	09
CREPÚSCULO DOS DEUSES	12
OS INSONDÁVEIS CAMINHOS DA VIDA.....	23

Quem é seu filho?

Pedro A. Bonilha

6 KLARA E ALOIS

Johann Georg Hiedler, um moleiro errante, conheceu em suas andanças uma mulher solteira chamada Anna Schicklgruber, que tinha um filho de nome Alois. Casando-se com ela, assinou papéis em que declarou ser o pai do filho de Anna. Entretanto, Alois não gostava de assinar Hiedler e adaptou seu nome para Hitler.

E o tempo passou, demorado...

Aproximava-se a última década do século XIX. Alois Hitler estava, então, com cinquenta e dois anos. Precisamente no dia 20 de abril de 1889 nasceu Adolf, o terceiro filho do seu terceiro matrimônio. Casado com Klara Pölzl – uma ex-camponesa de vinte oito anos – morava em Braunau, uma pequena cidade austríaca situada à beira do rio Inn, na fronteira com a Alemanha, onde desenvolvia atividades alfandegárias.

Logo depois do nascimento de Adolf, Alois se aposentou e, juntamente com a família, mudou-se para a região de Linz, a meio caminho entre Braunau e Viena, a capital da Áustria.

Frequentando a escola primária, o pequeno Adolf demonstrou ser um bom aluno, mas apresentou-se medíocre depois. Suas notas baixas irritavam profundamente seu pai. Alois – homem ríspido e de mau gênio – queria, de qualquer maneira, que o filho estudasse para ser funcionário do governo, assim como ele o havia sido. Mas o menino queria ser artista e cantou, durante certo período, num coro de igreja.

Alois Hitler morreu em 1903 e Adolf abandonou a escola em 1905, com a idade de dezesseis anos. Klara Pölzl, sua mãe, era pobre, mas ele não trabalhava; passava o tempo em devaneios, lendo e desenhando...

Procurando materializar seu anseio de ser artista, Adolf Hitler foi para Viena. Fez exame para ingressar na Academia de Belas Artes, mas não conseguiu seu objetivo. Um ano depois Klara Pölzl morreu, enquanto seu filho era reprovado pela segunda vez. Com a morte da mãe ele decidiu permanecer na capital da Áustria.

Evitando emprego fixo, o filho de Klara e Alois preferia tarefas ocasionais, como remover neve ou carregar malas na estação ferroviária. Ganhava um pouco de dinheiro fazendo cartazes para os donos das lojas ou pintando paisagens de Viena. Seus trabalhos eram mal realizados, mas ele se considerava um grande artista.

Como muitos austríacos que falavam a língua alemã, Adolf Hitler se considerava alemão, orgulhoso de seus antepassados; e o ódio que desde criança nutria pelos judeus, eslavos e membros de outras raças se acentuou nesse período. Os homens que o conheceram em Viena o descreveram como um tipo estranho, melancólico e facilmente irritável.

Em 1913, o filho de Alois Hitler foi para Munique, na Alemanha. Estava com vinte quatro anos. A primeira Guerra Mundial começou no ano seguinte e Adolf se alistou como voluntário no exército alemão; tomou parte em algumas das batalhas mais sangrentas e foi duas vezes condecorado por bravura. Ele amava o exército e desprezava os soldados que odiavam a guerra.

Um ano depois da Primeira Grande Guerra, Adolf Hitler iniciou sua escalada ao poder. Em 1920, com o velho império alemão derrotado e a economia do país arruinada, ele passou a chefiar o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, cujos membros eram chamados *nazistas*. O neto de Anna Schicklgruber acreditava que seria capaz de conquistar para a Alemanha a sua glória passada.

Quando assumiu o cargo de chanceler (primeiro ministro), Hitler tornou-se senhor do governo; aboliu os direitos constitucionais, dissolveu o Parlamento e convocou novas eleições. Desencadeou violenta onda de repressão aos seus adversários e atingiu o seu objetivo. Na sessão de reabertura, o Parlamento concedeu plenos poderes a Adolf, o chanceler da República. Em 1934, a morte do marechal Hindenburg (reeleito presidente em 1932) cedeu lugar ao Terceiro *Reich*, ou Terceiro Império Alemão, do qual o *Führer* (líder nazista) Adolf Hitler tornou-se o ditador absoluto. Seus discursos, pronunciados numa voz aguda, faziam a multidão gritar: “Heil, Hitler!” (“Salve, Hitler!”).

O filho de Klara e Alois governou a Alemanha como ditador de 1933 a 1945. Tinha uma personalidade muito instável. Mas, ao mesmo tempo possuía uma visão clara do que queria e a audácia para tentá-lo.

Transformou a Alemanha numa poderosa máquina de combate e deu início à Segunda Guerra Mundial em 1939. Não respeitou a opinião de qualquer especialista em nenhum campo; ignorou, de modo ostensivo, o conselho dos seus generais e seguiu unicamente a sua própria opinião, conquistando a maior parte da Europa.

Adolf Hitler propagou a morte como ninguém o fizera antes. A partir da concepção racista de que o povo germânico era superior e que devia conservar sua pureza, todos os elementos que pudessem corrompê-lo deveriam ser eliminados. Mandou executar ou prender todos os que se opunham a ele. Artistas, cientistas, escritores e numerosas personalidades de destaque buscaram refúgio no exílio.

Odiando especialmente a raça semita, ordenou o seu extermínio nos países por ele dominados. Instalou campos de concentração onde cerca de seis milhões de judeus, um milhão e meio de ciganos, eslavos e indivíduos de outras nacionalidades consideradas “inferiores” foram aprisionados e assassinados. Muitas vítimas eram torturadas antes de serem mortas. Outras morriam de fome, esqueléticas; outras ainda, devoradas por enfermidades. Como todos os valores morais da civilização foram ignorados pelo *Führer*, além do extermínio em massas, realizavam-se experiências médicas com seres humanos.

O filho de Klara e Alois continuou agindo assim, mesmo quando a Alemanha já estava sendo derrotada, aproximando o fim da Segunda Grande Guerra. As tropas americanas, inglesas e soviéticas já se aproximavam do centro da Alemanha. Finalmente, no dia 30 de abril de 1945 o Exército Vermelho entrou em Berlim.

Sentindo-se perdido, Adolf Hitler suicidou-se.

Quando Klara e Alois viam o pequeno Adolf – que queria ser artista – cantando no coro da igreja, jamais poderiam avaliar quem era, em realidade, o pequeno Adolf...

E você... pode avaliar quem é o seu filho?

A Inteligência Espiritual

Dalmo Duque dos Santos

4. Inteligência e Sabedoria §3 Pág.70

Portanto, inteligência não é sabedoria; Hitler e Gengis Khan foram inteligentes e nunca foram sábios; hoje podem até estar reencarnados com debilidades mentais graves. Maria de Nazareth não era inteligente, mas seus sofrimentos, suportados corajosamente pelas suas virtudes, lhe deram inteligência e muita sabedoria. Maria de Magdala era muito inteligente e com defeitos até perigosos, mas decidiu sacrificar-se num intenso combate pela reforma íntima e também tomou-se sábia.

Como já vimos, os mais recentes estudos sobre o assunto já romperam com aquelas idéias que restringiam a inteligência à capacidade de cálculo e solução de problemas matemáticos. As pesquisas de vários especialistas, como Howard Gardner, apontam que não existe uma inteligência geral, mas apenas inteligências diferenciadas e independentes. Múltiplas são as inteligências e diversas são as aptidões e potencialidades: na linguística, na musicalidade, na lógica matemática, na espacialidade, na cinestesia corporal, na intra e interpessoalidade; enfim, são habilidades características que podem ser desenvolvidas tanto pelo Ensino como pela Educação. Aliás, é sempre bom lembrar que os Espíritos, quando reencarnam, mudam suas experiências exatamente para desenvolver novas habilidades: mudam de ambiente, mudam de sexo, mudam de situações (provas) para poderem mudar de comportamento; só não mudam quando não querem, pois possuem livre-arbitrio. Ainda assim, quando abusam, são forçados a passar por experiências punitivas ou expiações que os convidam à mudança. Essa é a Lei da Evolução, a lei da Vida, da qual ninguém pode fugir.

5. Muito Além do Ensino – Mediunidade de Prova §6 Pág.80

Mas a mediunidade não é uma manifestação exclusiva da inteligência espiritual; é também uma manifestação que pode assumir características maléficas. Hitler foi inspirado mediunicamente pelos Espíritos das Trevas, seres de inteligência invertida e revoltados com as provas e expiações que teriam de enfrentar. Há relatos de que esse famoso ditador tinha pesadelos horríveis e acordava transfigurado com as visões e diálogos que mantinha com esses Espíritos durante o sono.

É durante o sono físico que voltamos para o mundo espiritual e geralmente entramos em sintonia com os planos aos quais nos afinizamos. Ao dormir o corpo, podemos frequentar belos lugares, reencontrar Espíritos amigos e até mesmo estudar assuntos novos. Mas podemos também procurar antros de vícios e crimes nos planos inferiores para aprender coisas degradantes. Isso depende de nós. Nem Jesus esteve livre da ação desses Espíritos e por isso sempre recomendava: “Orai e vigiai”.

Sabemos que isso acontece porque a faculdade mediúnica independe do grau de moralidade da pessoa. É uma faculdade natural e não um privilégio como muitos pensam. O Espírito Emmanuel nos informa que os médiuns geralmente são pessoas que faliram moralmente em outras existências e reencarnam com a mediunidade superexcitada, exatamente para poderem resgatar suas dívidas, praticando o bem e ajudando o próximo. Mas a maioria sofre quedas morais e acaba usando a mediunidade para ganhar dinheiro e adquirir prestígio social. Isso é um erro grave porque, geralmente, eles se tomam alvos fáceis de Espíritos maus ou atrasados.

Espiritismo O Consolador Prometido

Djalma Argollo

Comunicações de Hitler e Cia.

Causou surpresa, nas comunicações da TCI, o recebimento por Jurgenson e Raudive, de mensagens Hitler, Gøering, Himmler, Lênine, Stalin, Trotsky, e do conde Ciano. Isso causou uma grande polêmica, principalmente na Inglaterra, quando da Publicação dos livros desses dois pesquisadores. Esses Espíritos se mostravam muito bem dispostos e alegres. Gøering, por sinal, parecia estar trabalhando ativamente na equipe espiritual em contato com ambos. Hitler, pelo que se depreende, não tem arrependimentos pelo que fez, e sua fala indica uma tentativa de justificar seus atos. Era para ele, Jurgenson, um fato admirável que aqueles Espíritos, mais os de Annie Besant, Van Gogh, sua própria mãe, Félix Kersten, d'Annuzio, Montedoro, Eleonora Duse, Winston Churchill, e outros, se apresentassem juntos e se tratassem por tu, com toda a camaradagem. Para ele isso teria grande significação, representando uma reconciliação entre carrascos e vítimas. Jurgenson, no capítulo 37 de "Telefone para o Além", ouviu o momento em que Stalin foi despertado de seu sono Post mortem: "perdoem-me", teria sido sua primeira frase, ainda meio sonolento. Se eram ou não esses personagens, é difícil dizer. Jurgenson estava acostumado com suas vozes, pois viveu sob a esfera de influência dos personagens políticos citados. Ele dizia reconhecer o timbre de suas vozes, uma confirmação segura passaria pela comparação entre as gravações e os registro das vozes deles, quando encarnados. Espíritos bastante conhecidos na Terra como Wernher von Braun, Oppenheimer, Einstein, Henri Sainte- Claire Deville, Richard Francis Burton, participam ativamente dos experimentos.

Extraordinários Fenômenos Espíritos

Aureliano Alves Netto

19

O Guardanapo de Hitler.

Só o real é contraditório

Assis Chateaubriand

Um sábio – Alexis Carrel – entende que certos indivíduos são dotados de um elemento psíquico capaz de viajar no tempo e no espaço. A maneira do “inseto que se afasta do quadro e, a voar, o contempla de cima”.

Ocupemo-nos de um fato, em abono dessa concepção.

Reproduzida do *Psychic News*, de Londres, o jornal *O Clarim*, de Matão, São Paulo, edição de fevereiro de 1964, publica curiosa notícia, que assim se resume:

Pouco após a última Guerra Mundial, um turista inglês encontrou, nas proximidades do abrigo de Hitler, em Berlim, um guardanapo, sujo, com vestígios de fogo e muito amarelhado, já que fora pisoteado por inúmeros transeuntes.

Como todo turista que se preza, o fleumático *globe-trotter* logo pressentiu no achado a possibilidade de um *souvenir*. No que se não enganara, dado que, num dos cantos do paninho quadrangular, viam-se, finamente bordadas, as iniciais de Adolf Hitler.

Levado para Londres o guardanapo, foi ele cuidadosamente dobrado de jeito que as iniciais ficassem encobertas e, sem demora, submetido a testes de psicometria ou, para usarmos a expressão da moda: a investigações parapsicológicas.

O primeiro médium que nele tocou descreveu, num instante, a estatura e os traços fisionômicos do outrora todo-poderoso Führer. “Mencionou o pequeno bigode, o rosto pálido, a mecha de cabelos rebeldes, e o descreveu como um homem que falava gritando, com maneiras exaltadas”.

Posteriormente, outro médium, ao estabelecer contato com o guardanapo, desconhecendo-lhe a proveniência e as iniciais, “fez alusão a violência, referindo-se a um homem quase enlouquecido e muito infeliz. Forneceu, em seguida, uma descrição física rigorosa de Hitler, viu-o atirando com um fuzil e terminou a experiência declarando que era melhor para o mundo que esse homem estivesse morto”.

O relato acrescenta que o teste revelou ainda a morte de três crianças. Detalhe positivado, pois que, ao que se pôde apurar, os três filhos de Goebbels haviam perecido naquele mesmo abrigo.

Fenômenos dessa espécie não são ocorrências de todos os dias, como não são frequentes os eclipses, as erupções vulcânicas ou os abalos sísmicos, e nem por isso deixam de ser verdadeiros.

Já dizia o filósofo americano William James: “Se quiserdes destruir a lei de que todos os corvos são pretos, não é necessário procurar demonstrar que não há corvos; basta mostrar um corvo branco”.

Para os eternos céticos dos extraordinários poderes do Espírito, aí está um autêntico “corvo branco”...

O Espiritismo e os Problemas Humanos

Deolindo Amorim

XXV

A origem do antagonismo entre as coisas de Deus e as de Cezar está no falso pressuposto de que as ações da terra confinam com a terra, e por isso não têm relação alguma com as ações da vida espiritual. Tal concepção, que tem servido muitas vezes para *justificar* transações ilícitas ou *acomodar* situações comprometedoras, criou o abismo entre o que é da terra e o que é de Deus, como se o mundo material não tivesse comunicação com o mundo espiritual. Chegou-se, em consequência dessa interpretação, à seguinte realidade: para as coisas de ordem espiritual, o indivíduo tem a moral religiosa, a moral que se cultiva nos templos, nos atos de fé; para as coisas da terra, isto é, para os negócios, para as atividades materiais, o indivíduo adota moral diferente, outra moral, a do oportunismo ou da acomodação, por exemplo, dentro da qual tudo é *lícito*, contanto que haja êxito.

Para o indivíduo que interpreta a história sob o ponto de vista materialista, que vê na evolução social exclusivamente o fator econômico, as ações deste mundo não têm repercussão da vida espiritual. Para o espiritualista, porém, que vê no processo histórico a conjugação de forças harmônicas, oriundas do espírito e da matéria, afirmando-se ao mesmo tempo o fato biológico e o princípio espiritual, as atividades humanas, embora circunscritas à terra, estão subordinadas à inteligência criadora de todas as coisas: DEUS. Prevaecem, porém, as leis peculiares tanto à matéria como ao espírito.

O fato econômico, portanto, embora seja parte integrante da ordem material, não está inteiramente fóra da ordem moral, desde que se tenha concepção imortalista da História. Por concepção imortalista, que não é a “concepção idealista” da escola hegeliana, entende-se a interpretação da História à luz da crença na imortalidade do espírito. RATZEL admitiu o determinismo geográfico na urdidura da história. Sua concepção da “geografia social” é bem avançada. Por associação de idéias, quando se trata do homem – elemento capital da História – logo se pensa na terra, porque não se compreende o valor humano sem o meio físico, como não se admite a existência de peixe sem água. MARX viu no fator econômico a base da História, concepção que se não concilia com o Espiritismo. GOBINEAU partiu da desigualdade das raças humanas para explicar a história.

A “concepção etnológica” dêsse *nobre* racista exaltou o preconceito racial, convertendo-se em filosofia política de consequências maléficas para o mundo. Gobineau era *conde*, cultivava naturalmente o orgulho de sua origem aristocrática, circunstância que não deixou de ter influência no pensamento de sua doutrina, já pela educação, já pela própria inclinação de seu espírito. (O Conde de Gobineau esteve no Brasil, como representante diplomático da França junto ao Governo Imperial; a exemplo de outros estrangeiros – naturalistas, escritores, artistas – correspondeu-se, depois, com o Imperador Pedro II, que era grande admirador dos homens de estudo, embora tivesse idéias inteiramente opostas às do antigo diplomata francês). A teoria de Gobineau, com a sua perigosa interpretação da História, concorreu para a formação das místicas modernas de *raça pura*, de *povo superior*, causadoras de tantas tragédias nêstes últimos anos. Em nome dessas idéias, tão desastrosas como inconsistentes, o hitlerismo transformou o

preconceito racial em “razão de Estado”, criando a chamada *política do sangue puro*, apoiada em base superficial e duvidosa, além de contrária à fraternidade humana, pregada pelo Cristo. FREUD interpretou a história de modo unilateral, vendo apenas os “complexos individuais”, sem considerar a importância dos conflitos morais, das lutas ideológicas, por exemplo.

Como se vê, a interpretação da História pôde trazer muitos êrros, muitos choques, muita desordem material e espiritual, em função de sua base filosófica. A concepção teológica atribui a forças sobrenaturais todo o mecanismo da evolução geral. E verdade que da escola agostiniana até Bossuet, período equivalente a sucessivas e inevitáveis transformações na história do pensamento humano, há um curso de idéias nem sempre uniforme, visto que certas teorias não se conservam inteiramente fechadas a retificações posteriores. Mas entre a concepção teológica (subordinação da História a desígnios sobrenaturais) e a concepção materialista (subordinação da História ao fator econômico) deve prevalecer, não propriamente uma conciliação forçada, e sim, o princípio da reciprocidade, regulador da harmonia entre o mundo espiritual e o mundo material. O organismo humano começa a mostrar a evidência desse princípio com o paralelismo psicológico. A vontade divina preside a toda a Criação, mas a sabedoria dessa vontade suprema e onipotente está justamente na distribuição das leis, nunca no arbítrio ou no acaso. A interferência da ação divina nos atos humanos não se confunde com presença de Deus nas mínimas coisas de nossa economia interna. A vontade divina rege o Universo estabelece leis, mas não se vai admitir que Deus fique sujeito às mutações da matéria, Deus criou a natureza, mas nem por isso se crê que Deus possa estar dentro de uma rocha ou ismado nas formações geológicas. Tal suposição ariaria ao panteísmo. A doutrina espírita esclarece a questão, do seguinte modo: *“Não se podem aliar propriedades da matéria à idéia de Deus, sem que ele fique rebaixado ante a nossa compreensão, e não haverá sutileza de sofismas que cheguem a resolver o problema de sua natureza humana. A inteligência de Deus se revela em suas obras como a de um pintor no seu quadro; mas obras de Deus não são o próprio Deus, como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou”*. (LIVRO DOS ESPÍRITOS – cap. I).

Transcomunicação instrumental

Sonia Rinaldi

A Lei de Causa e Efeito Via TCI

O caso que se segue nos chegou pelas mãos do transcomunicador Jochem Fornoff, da cidade de Darmstadt, Alemanha. Esse dedicado pesquisador emite um boletim bimestral, e nele encontramos o texto abaixo, que surgiu no computador¹⁶ sob título R.Hoess.

Texto do Computador

“Rudolf Hoess, falecido na Terra/tentativa de contato por via eletromagnética:

Grande sofrimento está sobre mim e meu grupo. Eu trazia a responsabilidade na Fábrica da Morte. Obediência sem razão produziu inenarráveis dores, medo e morte. Eu ouço gritos de mães e o estertor de crianças. Vocês que recebem essa mensagem precisam orar por Rudolf Hoess. Tragam socorro.

Desde a Polónia em 1947 eu luto por ar. Ele está cheio de gás. Por favor, ajudem-nos pela oração.

** Os textos e imagens, quando emitidas do Plano Espiritual, aparecem na Winchester, fora ilc qualquer controle do operador, como se um arquivo de dados fosse injetado no hard disk,*

Sessenta e cinco mil espíritos choram e gritam. Seus corpos são pesados demais para nós. Nossas portas estão fechadas por fora... e cinzas ofuscam nossos olhos. Onde está Deus, que perdoa e retira de nós o juramento de 2 de agosto de 1934? Por favor, afastai-vos dos ensinamentos racistas. Muitos querem ajudar-nos, mas as portas estão fechadas. Por favor, abri vós as portas e as clarabóias de ventilação. Crede-nos, o inferno existe. Onde está Deus? Nós não conseguimos senti-lo. Muitas pessoas seguem nossas obras. Por favor, orai por todos eles. Através do nevoeiro podemos ver as cinzas no rio Weichsel¹⁷. Numa distância interminável está uma luz clara, a Rosa Branca. Se pudéssemos alcançar a rosa estaríamos livres. Por favor, orai por nossa liberdade, pois lamentamos demais as nossas obras. R. Hoess”.

- Weichsel é o principal rio da Polónia

Claro que nosso leitor já percebeu, rapidamente, do que trata o texto. Mas, o que mais nos despertou nesse assunto, não foi o conteúdo em si... porém, as deduções e questionamentos que o texto sugeriu aos pesquisadores alemães que desconhecem a literatura espírita e se surpreenderam com uma manifestação de desespero, que até então jamais havia ocorrido via TCI.

Esse é o tema para analisarmos: o quanto a TCI está despertando outros povos para a realidade que já conhecemos há anos através do espiritualismo.

No boletim onde foi publicado o texto descrito, vem o seguinte comentário de Jochem Fronoff, que transcrevemos:

“Quando lemos o texto do computador, ficamos tentando lembrar quem poderia ser o comunicante. Chegamos a pensar em Rudolf Hess, representante de Hitler, e nesse caso teria havido um erro na digitação.

Nesse mesmo período (janeiro de 1995) estavam passando muitos programas na tevê sobre Auschwitz, e qual não foi nossa surpresa ao ouvir o nome Rudolf Hoess. A partir dessa confirmação, pesquisamos e encontramos o seguinte sobre o comunicante espírita, bem como a data citada (2 de agosto de 1934):

“Hoess, Rudolf Franz, nascido em 1900, comandante; em 1924 foi condenado a prisão por assassinato de traidores da pátria; em 1940-43, comandante do Campo de Concentração de Auschwitz; 1944-45 inspetor de Campos de Concentração. Executado em 1947 como criminoso”.

Em referência à data 2 de agosto de 1934 há o seguinte: “morte de Hindenburg, sucessor de Hitler - data de Juramento de Fidelidade à Hitler”. E o texto do boletim do colega Jochem Fornoff prossegue:

“Baseado nesses dados, o texto do computador ganha outro sentido. Esse grito de alma parece indicar que mudanças íntimas pertencem ao desenvolvimento no Plano do Além. O texto nos leva a pensar: será que existe mesmo Purgatório?”.



O Dramático apelo de Rudolf Hoess via TCI

Conclusão

Se nossos colegas pesquisadores conhecessem, por exemplo, as obras de André Luiz nem fariam essa pergunta. Mas o fascinante é ver que mesmo os ensinamentos chegam à Europa e EUA, agora por vias técnicas.

O sofredor Rudolf Hoess, por certo, teve a oportunidade dessa emissão através da Estação (do Além) de nome Centrale (que se comunica normalmente com a Alemanha), provavelmente, para levantar questionamentos dentre os experimentadores, o que de fato ocorreu. Para nós, espíritas, é algo até natural, um conteúdo/contato desse tipo – as casas espíritas, dentre suas várias tarefas atendem milhares de sofredores, que apontam para o problema: **ter feito mal e depois ter de acertar contas**. E a lei da Causa e Efeito! Mas para os europeus e americanos isso é absolutamente novo e inusitado. Até hoje eles vinham recebendo, por TCI, só contatos e mensagens de espíritos elevados, com informações técnicas, ou que mostram o Além como um local bonito, com espíritos de alto conhecimento. Claro que isto estava dando a eles uma visão parcial da realidade. O lado ruim jamais havia sido mostrado ainda... e era preciso que isso ocorresse. Mensagens desse tipo levam o Homem a repensar suas ações na Terra.

Crepúsculo dos Deuses

Robson Pinheiro

O Quarto Poder

MUITO FELIZ PELO ÊXITO da empreitada, Max dirigiu-se para o galpão que disfarçava as atividades de seu grupo. Toda vez que passava pelas salas de computadores sentia-se feliz, porque – pensava – estavam cada vez mais próximos de seus objetivos. A rede de computadores estava perfeitamente disfarçada numa antiga construção embaixo do galpão. Nos tempos do m Reich o local fora utilizado pelos militantes do partido nazista como um dos pontos de controle da política de Hitler.

O tempo, entretanto, passou, e a guerra também. Mas não morreu o sonho desvairado de muitos homens.

Durante o período da Guerra Fria, quando o mundo se dividia entre áreas de dominação socialista ou capitalista, os Estados Unidos e a antiga União Soviética mantiveram uma política intervencionista em diversos países. Graças a isso, a espionagem crescera de forma assustadora, e desde essa época homens especiais já preparavam o porão onde se encontrava Max. Sabia que ali eles não podiam ser encontrados. Caso houvesse uma investigação no local, o máximo que encontrariam seria uma antiga fábrica e o velho galpão, conservados nos mínimos detalhes há mais de 20 anos. Poucas pessoas sabiam o que havia embaixo da velha construção.

Gênios da computação mantinham os dados sempre atualizados. Dali estavam conectados ao Egito e ao Afeganistão, no Oriente; ao Brasil e aos vizinhos Argentina, Chile e Venezuela, na América Latina, bem como aos Estados Unidos. Mais que isso. Com o avanço da internet, poderiam acompanhar os interesses de diversos grupos de terroristas e de religiosos. Isso mesmo, religiosos. Max sorria ao pensar em como certos líderes religiosos trabalhavam para sua organização. Assim todos ganhavam.

Mas isso tudo não era para ser compreendido por esta geração. Eles preparavam algo bem maior do que os agentes da inteligência poderiam pensar. Max se orgulhava por pertencer ao restrito grupo de pessoas que seriam os eminentes representantes do Quarto Poder: o IV Reich.

– Você é Maurício Bianchini? – perguntou Max ao homem que o aguardava ali sentado. Maurício anuiu com a cabeça, um tanto atônito com o fato de que o homem falava um português quase perfeito. Notava-se apenas um leve sotaque alemão, que não podia ser disfarçado.

Max era um homem muito inteligente. Possuía um humor fino, que não agradava a algumas pessoas e geralmente era confundido com ironia ou sarcasmo. Perspicaz, sabia fazer um jogo com as emoções alheias que fazia ruir qualquer resistência psicológica de seus adversários. Max rodeava Maurício, estudando-o de cima a baixo.

Após a pergunta, que tinha lá suas razões e pretensões, Max apenas observava Maurício. Completo silêncio se estabeleceu naquele aposento ricamente mobiliado, disfarçado a dois andares abaixo do velho galpão. O médico brasileiro sentiu-se incomodado com a atitude do alemão, mas não desejava transparecer sua insegurança e inquietação. Por que fora trazido até ali? Toda a parafernália utilizada na explosão à frente do hotel fora apenas para camuflar o seu sequestro? Mas ele não era alguém importante o

suficiente para ser alvo desse crime – debatia mentalmente. – Pelo menos não tão importante diante de outros representantes de laboratórios e empresas que estavam hospedados no mesmo hotel que ele.

Maurício não compreendia esses aspectos; procurava, todavia, dissimular suas reações.

Max estava convicto: seus objetivos estavam sendo atingidos. Aprendera a ler a expressão facial e corporal e via, pelos vincos observados na face de Maurício, que o seu interior estava em ebulição, à semelhança de uma caldeira. E o vapor de suas inquietações parecia escapar por todos os seus poros. Max era um homem frio, calculista e determinado, cheio de energia no olhar. Quando irado, parecia possesso. Quando estava calmo, parecia demoníaco. Sua personalidade se impunha aos adversários. Talvez por essas características é que fora escolhido por seus superiores para coordenar aquele centro de poder do iv Reich.

Maurício, mal-enjambrado, sentado ali, na cadeira, em frente a Max, começava a dar sinais de cansaço psicológico. O jogo do poder estava sendo definido.

Max, com seus olhos estreitos, barba e cabelos de um castanho cintilante, que pareciam tingidos, demonstrou uma potência e um vigor descomuns em seu olhar, talvez advindos de uma força de vontade terrível.

Posso lhe assegurar, Dr. Maurício, que sairá desta sala sem que ninguém toque em um só fio do seu cabelo – principiou Max. – Para que se situe diante do que está acontecendo, gostaria de apresentar-me, bem como à nossa organização.

O líder alemão era impassível, e sua voz, de uma firmeza atordoante.

- Sou Max e pertencço a uma organização internacional que reúne as melhores mentes do mundo. Na Alemanha, somos conhecidos pelo governo como neonazistas. Mas nossa ação é muito mais ampla do que os acanhados atentados que têm por objetivo mascarar nossa verdadeira atuação. O que importa é que sua pesquisa chegou ao nosso conhecimento.

As informações confidenciais acerca da experimentação das vacinas em pacientes no Rio de Janeiro cruzaram a mente de Maurício como um raio. Como a organização germânica conseguira acesso aos testes que sua clínica realizava? Temia por seu futuro próximo, mesmo depois da promessa de seu sequestrador.

- Acompanhamos com grande interesse sua viagem do Brasil à Alemanha juntamente com Irmina Loyola. Não se aflija, você está aqui conosco apenas para alguns esclarecimentos. Talvez possamos ser úteis um ao outro.

Com certeza eu não me aliaria aos seu objetivos – interrompeu Maurício.

Ah! Meu rapaz, muitos já falaram isso e com o tempo viram quão insensata era a sua observação.

Não me alio a terroristas. Para mim sua organização sintetiza tudo o que mais repugna à razão e à consciência...

Basta! – agora foi Max quem interrompeu. Maurício sentiu a força de sua vontade expressa através da palavra. – Espere até que eu apresente a você certos fatos e depois verá se nos aliaremos ou não. Talvez você não saiba que a tal convenção programada pelos laboratórios é uma farsa, um disfarce de certos órgãos superiores dos governos envolvidos. Vocês estavam sendo manipulados durante todo o tempo.

Diga então, Sr. Max, como os digníssimos senhores ficaram sabendo disso? Quem lhes contou? O Batman? – disse em tom de deboche. – Creio que suas informações podem ser fantasiosas demais.

Sinto muito por você, Maurício, mas é você mesmo que está enganado. Mais por fora que o Robin – respondeu Max, com certo humor. – Alguns representantes dos laboratórios, que foram indicados para a tal conferência em Frank- furt, aliás, três deles, são homens considerados perigosos pelo que sabem.

Maurício começou a se interessar, devido ao tom de voz que Max empregara ao falar.

Não pense que a política dos poderosos deixaria passar algo de importante no mundo sem que eles se intrometessem ou tirassem proveito. Mas isso agora não importa para mim ou você. O interessante é que você saiba que hoje existe um contato muito intenso entre vários grupos que se intitulam terroristas, em diversas partes do mundo. Todos estamos ligados por interesses comuns. Mesmo no Brasil existem aliados dos nossos que atuam tanto na política, em seu governo, quanto entre os religiosos e os criminosos envolvidos com o tráfico de drogas. Deste quartel general monitoramos toda a ação desses grupos por computador. Naturalmente, somos apenas uma base de apoio de uma organização cujas dimensões você não compreenderia.

- Por isso vocês se intitulam o Quarto Poder...

- Ouviu de um dos nossos, certamente...

- Eu entendo seu idioma o suficiente.

- Pois bem – continuou Max – desde que as cinzas de Hitler e Eva Brown foram identificadas e confirmada a morte do Fiihrer, muitos homens de confiança do ni Reich, agora espalhados pelo mundo, decidiram reconstruir o ideal do antigo império. Poder, influência e verba é o que não nos falta. Sabemos que o mundo todo está passando por intensas transformações no cenário político e económico, porém, estamos ao abrigo de tais flutuações da economia mundial.

- Explique-me, por favor: como vocês fazem para conseguir tal milagre?

- Meu caro Maurício, você não é ingênuo a ponto de ignorar que muitos tesouros e obras de arte, ouro e reservas em dinheiro foram destinados à administração do Reich. Pois bem, a lei nos constitui herdeiros diretos desse incalculável patrimônio. Creio que essa explicação simplifica tudo, sem haver necessidade de entrarmos em detalhes.

- E o que isso tem a ver com os medicamentos? Trabalho com drogas que visam curar doenças, e não provocá-las. Não seriam úteis a nenhum atentado biológico que vocês estejam planejando...

- Atentado biológico? Nem o Batman em pessoa seria tão imaginativo... O que desejamos com você, caro Dr. Maurício, não possui nenhuma relação com a medicina que exerce.

- Não?! Mas essa é a razão da minha viagem à Alemanha! O que desejam, então?

- O que queremos é a sua ajuda a fim de decifrarmos um enigma relacionado a seus estudos acerca da história do planeta Terra e das antigas civilizações.

Ao ouvir o que sentenciava Max, Maurício sentiu rodopiar a cabeça e por um instante pensou que iria desmaiar. Estava perplexo.

E Max prosseguia:

- Foram descobertas certas inscrições e alguns manuscritos de autoria atribuída aos antigos habitantes da Mesopotâmia e que possuem estreita relação com nossos interesses.

- Não vejo como conciliar seus objetivos com descobertas arqueológicas... – balbuciava Maurício, recuperando-se da surpresa.

- Não é necessário que você compreenda a conexão dos fatos. Apenas ouça a nossa história e depois dê o seu parecer. Na verdade, essas descobertas não são

recentes. Entretanto, fomos despertados para a sua importância porque nossa organização não deixa escapar nada no que concerne a avanços científicos ou descobertas que se relacionem com nossos projetos. Há muito tempo acreditamos que uma nova ordem de coisas deverá ser estabelecida em todo o mundo. Como você é um pesquisador, sabe do que estou falando e de como as diversas culturas ao redor do planeta têm fontes que confirmam nossas suspeitas.

Max tocava no ponto alto do interesse de Maurício, que o escutava com atenção.

- Foi baseado em certas informações, consideradas por muitos como sendo esotéricas ou místicas, que Adolf Hitler, o grande herói do Reich, formulou suas teorias a respeito de uma nova raça de seres que dominaria a humanidade. Não cabe aqui discutir os métodos empregados pelo Fíhrer, e nem mesmo aventurar-me em certas hipóteses. O certo é que a nossa organização é herdeira direta de certos projetos baseados na crença de uma nova ordem mundial.

- Vocês acreditam no fim do mundo...

- Não exatamente como os religiosos pregam, mas conhecemos perfeitamente certas coisas que fariam o leigo se sentir chocado se soubesse.

- Por exemplo...

- Por exemplo, a respeito do OVNI, OU UFO, capturado pelo governo dos Estados Unidos no final da década de 1940.

- Isso não foi confirmado e, pelo que sei, não passa de boatos de pessoas aficionadas por discos voadores...

- Mas acredito que você saiba exatamente o que há de certo e de errado nessa história toda. Além desses fatos – continuava Max – a nossa organização se interessa pelo passado do planeta, com vistas a estabelecer uma ação conjunta que transforme o panorama futuro.

- Não entendi – respondeu Maurício, desconfiado do rumo que a conversa estava tomando.

Max, tomando de uma cadeira que estava próxima, sentou-se em frente a Maurício e continuou sua história, conferindo à sua voz uma entonação toda especial, com ares professorais:

- Como você sabe, os cientistas, após longos anos de estudo, chegaram à conclusão de que há 65 milhões de anos um corpo celeste gigantesco se chocou com a Terra, causando a extinção de muitos seres vivos. Há mais ou menos 9 mil anos, outro acidente de proporções cósmicas ocorreu. Um cometa colidiu com o planeta, mergulhando na baía de Hudson, no Canadá. Esse impacto foi responsável pela extinção de quase totalidade da vida animal e vegetal no mundo todo; um choque atarrador.

- Onde você quer chegar com toda essa história?

- Calma, brasileiro, calma. Sei que é longa a história, mas talvez me ouvindo você entenda onde quero chegar. Bem, na verdade, o cometa que se chocou com a Terra àquela época causou imensas transformações na face do mundo naquele tempo remoto. Todo o equilíbrio do planeta foi alterado; terras férteis submergiram, e outras vieram à tona, modificando a superfície e a paisagem do mundo. A civilização daquele tempo foi em grande parte soterrada, devido às ondas sísmicas decorrentes do impacto, e populações inteiras desapareceram. Até mesmo a inclinação do eixo imaginário terrestre foi alterada, conforme defendem alguns cientistas. Nos dias de hoje, Dr. Maurício, certos homens de ciência descobriram que aquele cometa que se chocou com a Terra tinha uma espécie de

irmão gêmeo sideral. E um segundo cometa, que está previsto para se aproximar da Terra nos próximos anos.

- Eu conheço a história e ando pesquisando muito a respeito, só que os cientistas já sabem que os tais cometas não são gêmeos. São distintos, com órbitas diferentes, e, portanto, este segundo cometa...

- Este segundo cometa tem uma chance muito grande de se aproximar da órbita da Terra, mas sem atingi-la, como ocorreu no passado. Não obstante, sua presença no sistema solar poderá abalar novamente o ângulo do eixo terrestre e afetar profundamente toda a vida no mundo.

- Tudo é hipótese ainda...

- Sim, mas já se sabe das alterações ocorridas na órbita de Plutão, o nono planeta do sistema solar. Através de estudos comparativos, sabe-se que um astro está se dirigindo para o nosso mundo.

- São só teorias...

- Que sejam, mas o fato está ganhando cada vez mais a atenção e a credibilidade de cientistas de todo o mundo.

- O astro intruso.

- Não interessa o nome que lhe foi dado, sabemos é que algo diferente e de consequências drásticas está por acontecer no planeta a qualquer momento.

- Bem, e qual é o ponto que liga o tal asteróide com as tais descobertas arqueológicas na Mesopotâmia e qual a conexão disso tudo com as atividades terroristas em todo o mundo? – a troca de idéias e impressões sobre o tema de sua predileção havia deixado Maurício mais à vontade.

- Vamos por etapas – disse Max. – Primeiramente, a descoberta dos manuscritos sumérios não foi obra de nossa organização. Ficamos sabendo dessa descoberta há alguns anos e nos empenhamos por entrar de posse desses achados arqueológicos. Nesse contexto, a ação de um cientista que já havia decifrado outros escritos cuneiformes foi crucial. Ele nos auxiliou sobremaneira. Sabemos hoje que os antigos povos da Suméria e da Babilônia previram com exatidão matemática o retorno do cometa e até mesmo a sua trajetória próxima à Terra. Tais dados estão de posse da Nasa, a agência espacial norte-americana. O nosso interesse é exatamente quê você nos auxilie na tradução das tábuas encontradas no tal sítio arqueológico. Nós as temos conosco.

- Mas eu não entendo...

- Não adianta disfarçar, Maurício. Você é observado desde a sua última viagem ao Canadá. Sabemos de seu contato anos atrás com o homem que decifrou o código das placas descobertas e temos certeza de que, com seus estudos, você também sabe a chave e é capaz de decifrar certos detalhes, preenchendo lacunas que existem na tradução. O assunto é muito importante para o futuro de nossa organização, e estamos dispostos a pagar um bom preço, apropriado à relevância da missão.

- Mas eu não tive tempo de aperfeiçoar o que aprendi. Estive estudando sim, mas foi algo superficial, pois o meu trabalho não me permitia maior envolvimento...

- Deixe de fazer rodeios, caro Dr. Maurício. Podemos lhe oferecer infra-estrutura completa, necessária para suas pesquisas: laboratório completo, pessoal de apoio e tudo o mais que precisar estará à sua disposição. Você compreende nosso interesse em tudo isso.

- Asseguro que ainda não estou entendendo.

- Nossa organização não pode permitir que haja algo que não saibamos a respeito desses eventos, dessas transformações. Queremos contribuir com a nova ordem mundial.

- Contribuir?

- Segundo os registros sumérios, que contêm dados já confirmados inclusive pela Nasa, o tal cometa aproxima-se da órbita terrestre de tempos em tempos. O período foi referendado por recentes investigações. Os homens responsáveis por tais estudos chegaram à conclusão de que já passamos do tempo crítico, ou melhor, estamos vivendo agora momentos críticos. As influências observadas nas órbitas dos planetas exteriores (Júpiter, Netuno, Urano e Plutão) são fortes indícios de que algum corpo celeste está se aproximando do sistema solar, e todas as recentes descobertas apenas ratificam os dados trazidos pelos achados arqueológicos. O nosso interesse talvez você saiba...

Maurício começou a pensar que Max era um daqueles loucos emergidos diretamente de um filme qualquer de terror ou ficção científica. Embora suas teorias tivessem fundamento, Maurício recusava-se a pensar na proporção do perigo dessa tal organização. Para ele eram um bando de desajustados, de malucos ou visionários. No entanto, apesar de seu ponto de vista, seu raciocínio não resolvia a situação.

O alto comando

— ATÉ HOJE NÃO SABEMOS o paradeiro de Hider – falou um homem de aparência imponente. — Procuramos notícias suas em todos os cantos do mundo.

— Muita gente acha que ele não morreu. Dizem alguns que os restos mortais encontrados carbonizados não pertencem a Hitler e Eva Brown.

— História que contam para enganar aqueles que estão em busca de novidades – respondeu um dos 12 homens que estavam presentes na base do poder do IV Reich, como eles se referiam a sua organização.

Hitler era muito inteligente e inspirado naquilo que fazia. Não se deixava abater facilmente e nem se submetia ao jogo do acaso.

— Não entendo onde você quer chegar...

— Adolf Hitler anteviu várias possibilidades, caso ocorresse um revés em seus planos. Diria que ele era demoníaco em suas maquinações.

Atrás da mesa de reunião do alto comando terrorista, uma enorme bandeira com o desenho da suástica nazista. Poltronas ricamente decoradas estavam à disposição de todos. De um lado e de outro havia mais homens, fortemente armados, compondo a elite da guarda que amparava os dirigentes do alto escalão.

— Mas, enfim, se não conseguimos localizar o paradeiro daquele que foi o nosso maior representante na atualidade, devemos nos ocupar com as questões da política internacional e com a forma de perpetuarmos nosso poder e nosso domínio sobre os fracos. Como andam, por exemplo, os preparativos para o ataque aos americanos?

— Está tudo combinado. Nossas bases na América do Sul e no Oriente já têm tudo esquematizado.

— O importante é que os louros do atentado sejam imputados a nosso pessoal de influência na região árabe. Eles já estão preparados para o que vier logo em seguida?

— Claro que ninguém sabe ao certo a reação dos políticos de todo o mundo, porém essa ação conjunta fará com que o chefe dos peles-vermelhas tome decisões precipitadas

e entre definitivamente para o nosso time. Se contarmos ainda com a ação daqueles de nós que o influenciam na Casa Branca...

Peles-vermelhas – esse era o codinome utilizado para se referir aos americanos, tanto quanto se utilizavam de outros nomes para designarem outros países. O Brasil, por exemplo, era ali lembrado com o nome de Cruzeiro, enquanto os países do Oriente Médio, de uma forma geral, eram denominados de Camelo. O grupo terrorista havia criado vários códigos, ao longo do tempo, para facilitar o intercâmbio entre os diversos representantes de sua organização. Quando queriam se comunicar entre si, utilizavam esses símbolos com a finalidade de proteger o sigilo dos planos de ataque preparados sob o seu patrocínio.

— Isso será muito bom para nós; geopoliticamente, é dos aliados mais preciosos no mundo atual. Precisamos precipitar os fatos em todo o mundo para que o caos se estabeleça. Nossos homens de negócio com certeza darão um jeitinho na economia. Temos muito interesse nas bolsas de Tóquio, Nova Iorque, Paris, São Paulo e algumas outras que nos servem de base de operação. Não há quem desconfie de que estamos infiltrados tão intimamente no meio da sociedade de tantos países... Discrição essa que é fundamental. Que ninguém saiba de nossa rede de comunicação, e nem mesmo de nossa organização.

— Eu gostaria mesmo é de saber como vai o andamento da situação no Brasil e na Venezuela...

— O Brasil é um caso sério para nós, porém temos várias parcerias no narcotráfico e em alguns setores da religião. Não obstante, temos algumas dificuldades. Veja bem: no Rio de Janeiro, um dos nossos mais competentes aliados está sendo preso neste momento. Mas isso não é problema para nós. Podemos remediar a situação conseguindo para ele alguém dentro da própria polícia que sirva de conexão com o restante do seu pessoal. De onde ele estiver, na prisão, poderá comandar a rede de tráfico da mesma forma. Talvez até consigamos agilizar a questão do armamento do grupo, visando criar uma frente de extermínio com sede no Rio de Janeiro.

A naturalidade com que falava de assuntos perturbadores era impressionante:

— Também não devemos nos preocupar tanto com o setor religioso. Parece-me que no Brasil há um grupo cada vez maior de religiosos radicais que estão assumindo a política. A ação e a influência desses religiosos no Congresso Nacional já são levadas muito em conta lá, no Cruzeiro. E só uma questão de tempo, e tudo estará resolvido. Como são indivíduos intolerantes com aqueles que não professam a mesma religião que têm, imaginem o que vai ser quando forem maioria absoluta no poder, e a voz deles for aceita oficialmente no Congresso brasileiro... Creio que não precisamos nos ocupar diretamente com o Brasil. Eles cuidarão de si mesmos. Possivelmente por lá nascerá o anti-Cristo, como diz a linguagem profética, da fusão da religião e do poder político.

— Quanto à Venezuela e aos outros países da América Latina, não estou me preocupando, pois a situação econômica precária da Argentina nos favorecerá junto ao povo. Destacada pela mídia – sensacionalista e aterrorizante, em muitas ocasiões inspirada pelo nosso pessoal especializado nas comunicações – é certo que a crise

abalará pelo menos os países do Mercosul. Devemos confiar em nossos representantes, que estão dando duro por lá.

A conversa do alto comando terrorista estava apenas principiando quando Max entrou, acompanhado de dois outros homens, que o escoltavam.

Então, ficamos sabendo que você falhou conosco desta vez...

- Desculpem, senhores. Eu não suspeitava que Maurício Bianchini fugiria de nossa base. Ninguém nunca escapou de lá antes, e muito menos entrou ali pessoal que não fosse de nossa confiança...

- Não queremos saber de desculpas, Max, você falhou, e isso já é o suficiente para que seja punido. Você sabe que em nossa organização não admitimos nada que contrarie nossos planos. Sabe o que isso significa?

Max permaneceu calado diante da ameaça que fora pronunciada em meio às palavras.

- Diga-nos, o que Maurício sabe a nosso respeito? Esperamos que você não tenha falado nada sobre nossa organização, não é?

- Não, senhor! Vocês sabem o quanto dei a minha vida pela suástica e por tudo o que significa nossa ordem – Max disfarçou, sem responder muito claramente.

- De hoje em diante você será rebaixado em seu comando. Ficará por aqui até que tenhamos elementos mais concretos para julgarmos o seu caso.

- Mas, senhores...

- Cale-se, Max, e se dê por satisfeito por enquanto, que não empregamos métodos de tortura em você. Temos algo mais urgente no momento para nos ocuparmos. Ficará recluso, sem entrar em contato com ninguém, até que um dia nos lembremos de você. Se acharmos que você nos pode ser útil outra vez, o chamaremos, se não...

Max foi conduzido para um lugar especial, reservado àqueles que falhassem em suas atribuições. Mal sabia ele que ficaria ali por um longo tempo... Até que ele mesmo resolvesse enfrentar a situação. Enquanto baixasse a cabeça submisso, não sairia de lá. Max não poderia fazer mais nada.

Depois da decisão de punir Max, o grupo dos 12 continuou sua conversa como se nada estivesse acontecendo. Como disseram, tinham coisas mais importantes a fazer, no apoio a política armamentista, aos grupos terroristas de todo o mundo e nas intrigas políticas organizadas e levadas a efeito pela organização.

Não que não se importassem com Maurício. Não era isso. O conhecimento que Maurício adquiriu em interpretar certos escritos cuneiformes e associá-los a certos eventos históricos seria de imensa utilidade para o grupo de terroristas, afinal eles queriam prever todos os detalhes da situação mundial.

Apenas adiariam o caso Maurício, enquanto se dedicavam a um plano que abalaria a economia e a opinião de todo o mundo. E como valia a pena protelar o caso do brasileiro que sabia demais por algum tempo – apenas um pouco de tempo...

Afinal de contas, tinham duas grandes torres esperando por eles. Duas torres que despertavam neles lembranças anli gas. Torres gêmeas que desafiavam o mundo por sua imponência. Era o dia 11 de agosto; portanto, faltava apenas um mês para o grande dia, que todos aguardavam. A besta perderia seus chifres, e o símbolo da águia seria derrubado no abismo. Palavra final.

Conscentização

MAURÍCIO BIANCHINI ACORDAVA do pesadelo aterrador. Sim, para ele toda aquela história de sequestro fora um terrível sonho, quase sem fim, que ainda não conseguia interpretar.

Notou logo a presença de Leroy e de John White, os dois agentes de segurança que, desde a sua chegada na Alemanha, acreditara serem agentes da CIA e do FBI. Demorou um pouco a se ambientar, pois ainda estava sob o impacto emocional que abalara seus nervos. Não resistira e desmaiara justamente quando Irmina parecia tomar uma atitude desesperada, salvando-o dos terroristas.

— Até que enfim acordou, brasileiro. E então? Estamos todos curiosos quanto ao seu sequestro.

— Onde está Irmina Loyola? – perguntou Maurício. – Ela morreu na explosão?

— Irmina? Logo que você foi sequestrado, poucos minutos depois, ela fugiu, e não temos informações a respeito do paradeiro dela desde então.

— Não pode ser – falou Maurício, ainda meio tonto. – Foi ela que me libertou lá do galpão onde eu me encontrava prisioneiro! E Max? Conseguiram pegá-lo?

— Não conhecemos nenhum Max, e, quanto a Irmina Loyola, é bom que você nos atualize quanto à ação dela. Acredito que você trás muitas informações importantes para nós.

Maurício Bianchini levantou-se com certo cuidado e, ao assentar-se numa poltrona, encarou os dois agentes. Somente agora teve absoluta certeza de que algo estava errado naquela história toda. Leroy e John White não sabiam de nada a respeito de sua fuga do esconderijo neonazista; portanto, Irmina agira sozinha e misteriosamente desaparecera.

— Muito bem – iniciou Maurício. – Eu fui conduzido para uma outra cidade pelos sequestradores. Esse tal Max parecia ser o responsável por uma base de operação dos neonazistas. Aliás, segundo entendi, a organização deles tem um alcance internacional, e, pelo que me disseram, estão envolvidos com gente grande e de projeção por aí.

Maurício contou cada detalhe da conversa que tivera com Max, bem como o desfecho do sequestro, quando foi libertado por Irmina Loyola. Tentou levantar-se da poltrona para andar um pouco pelo apartamento, porém sentiu-se mais tonto ainda. Colocou a mão na cabeça. Aquelas tonturas o acompanhavam há algum tempo, mas agora pareciam estar mais intensas. Não tivera tempo de ir ao médico antes da viagem para a Alemanha... Assim que retornasse ao Brasil procuraria um serviço médico para checar isso.

Maurício equilibrou-se no espaldar da poltrona, sendo amparado por John White.

— Parece que você não está se sentindo bem – falou John. Olhando então para Leroy, sentenciou – Talvez esteja sendo atraído para o corpo.

— Atraído para o corpo? Não entendi... – estranhou Maurício.

— Deixemos isso para depois, pois agora temos de resolver o caso de Irmina e entender a sua participação nisso tudo. Mais tarde voltaremos a falar disso. Por enquanto, interessa- nos saber os detalhes de sua conversa com o tal Max e sua ligação com os eventos ocorridos em todo o mundo. Por outro lado, creio que você merece também algumas explicações, Maurício.

— Você fala de uma forma enigmática.

— Está na hora de você saber da verdade quanto a nós e nosso trabalho. Somos agentes de segurança, conforme você pode constatar...

— Não é melhor explicar a ele desde o início, John?

— Isso mesmo Leroy, bem lembrado. Assim Maurício compreenderá melhor o assunto.

Mesmo tonto, o médico brasileiro quase exaltou-se, impaciente, ansioso por entender tudo aquilo. John falou:

- Você veio à Alemanha para participar de uma conferência de um grupo internacional envolvido com laboratórios, medicamentos e pesquisas. A conferência foi, na verdade, uma espécie de isca, utilizada por nós para atrair a organização que sequestrou você. Já temos conhecimento da ação desses marginais em todo o mundo e formamos uma espécie de agência ou *inteligência*, segundo o seu vocabulário, com o objetivo de capturarmos alguns representantes deles. Com essa finalidade, estabeleceu-se que deveríamos realizar uma reunião, que chamaria a atenção desses grupos de terroristas. Fontes seguras afirmavam acerca de sua atuação criminosa, no intento de manipular medicamentos, construindo laboratórios em várias partes do mundo. Um deles, na região da Antártida, entrou em operação com o objetivo de desenvolver um vírus muito mais forte e resistente do que o HIV ou o ultra- vírus do câncer.

— Mas como a organização deles conseguiu estabelecer bases na Antártida, um continente totalmente inóspito e desabitado? Isso é impossível! E o transporte de material, de mão- de-obra e todo o resto? E mais: não consigo entender como uma organização com uma elite de assassinos internacionais tem êxito em driblar a segurança mundial durante tanto tempo... e ainda desafiar o mundo com tantos recursos tecnológicos...

- Essa é uma outra história, meu caro brasileiro – entrevistou Leroy. – Mas creio que não há como deixar para depois: você terá de saber, mais cedo ou mais tarde. Retornaremos um pouco ao passado para que compreenda, Maurício. Vou lhe dar apenas um resumo. Acredita-se que, na época da Segunda Guerra Mundial, Adolf Hitler tinha especial interesse na Antártida. Ele acreditava que, se dominasse essa área, poderia construir ali uma importante base militar aérea e naval, de onde dominaria o mundo. Portanto, decidiu, já no início da guerra, que um dos porta-aviões do m Reich seria total mente modificado, adaptando-o para explorar o continente antártico. Do passado, restaram algumas lendas e muitas mentiras a respeito da pretensa base de Hitler. E por isso que muitos nazistas procuraram a Argentina e o Brasil para seu exílio no pós-guerra, acreditando que ficariam mais próximos da tão venerada base de operações do Reich. Acreditamos que é justamente lá, no hemisfério sul, entre o pólo e o Trópico de Capricórnio, que se localiza a rede de laboratórios da tal organização terrorista. Possuem, é claro, outras bases, espalhadas pelo mundo.

— Pois bem, dando continuidade ao que dizia – tornou John – a tal reunião ou conferência que seria realizada em Frankfurt foi a isca necessária para atrair os terroristas. Queríamos impedir algo monstruoso que estavam tramando. Ficamos sabendo da tentativa de se utilizarem de seus aliados do Oriente para jogar uma bomba no Congresso dos Estados Unidos, o que levaria a humanidade a uma guerra de proporções mundiais, devido às implicações políticas envolvidas.

— E conseguiram alguma coisa além de meu sequestro durante a conferência?

— Claro que conseguimos. O seu sequestro nos pegou de surpresa, pois não sabíamos que a organização deles tinha interesse em seus conhecimentos a respeito de línguas

antigas ou em descobertas arqueológicas.

Não sei como uma organização dessas tem interesse por um pedaço de tábua de barro, descoberto há algum tempo. Mais que ninguém reconheço seu valor para a ciência arqueológica e como documento histórico; no entanto, parece um paradoxo, considerando que investem pesadamente em recursos tecnológicos, que a tônica de seu trabalho não esteja em pesquisas dessa natureza. Não consigo entender também o interesse deles por mim, já que devem ter elementos altamente capacitados em sua equipe, especializados em traduzir e decifrar inscrições como essas.

— Ocorre que você é bem mais velho do que imagina, Maurício, e por isso mesmo tem arquivada na memória muita coisa que muitos de nós nem suspeitamos ainda...

— Não entendi direito onde quer chegar.

— Eu pessoalmente fui incumbido de tomar conta de você há muito tempo – falou John White. – Acompanho sua trajetória desde há alguns anos e sei muito mais sobre você do que pode suspeitar...

— Mas...

— Aquiete seu espírito um pouco e deixe-me continuar a história. Tenho de lhe falar algo muito especial, que definirá o seu futuro para sempre, Maurício. Ocorre que, já há algum tempo, você sofreu um acidente...

— Eu? Acidente? Creio que estão enganados, e, se são mesmo especialistas em investigação, deveriam reavaliar suas carreiras. Nunca sofri nenhum acidente, John White. Vocês erraram feio! Estão vigiando a pessoa errada...

Maurício fez menção de sair do ambiente, deixando os dois para trás sozinhos, envolvidos naquilo que ele considerava uma história fantasiosa. Foi então detido por Leroy.

— Pare, Maurício, deixe-nos ao menos contar a nossa história; depois você poderá sair e deixar-nos, se desejar. Continue, John!

- É isso mesmo, Maurício Bianchinni. Você sofreu um acidente no Rio de Janeiro. Na verdade, foi vítima de uma bala perdida que lhe feriu a cabeça, causando-lhe um estrago permanente...

À medida que John White falava, Maurício parecia hipnotizado. Reaparecia, com intensidade, a sensação de estar vivendo em câmera lenta. Colocou a mão na cabeça instintivamente, descobrindo aí algo que o incomodava.

Os Insondáveis Caminhos da Vida

Jorge Andrea

- 8 -

A gravidez da Marta avançava e o trabalho familiar, sempre constante, não cessava. O Nestor, a esposa e os filhos jamais deixavam de reunir-se, uma vez por semana, as segundas-feiras, para o culto doméstico. O chamado Culto Cristão no Lar – momento em que enalteciam os ângulos positivos da vida e a necessidade de vivenciá-los; ao menos, deve fazer-se grande e expressivo esforço neste sentido. Esses momentos representavam a hora em que os genitores desenvolviam ideias, e anotavam, com os filhos, os valores do Espírito e a sua necessária difusão na gleba planetária. Passavam revista no trabalho dos homens de valor, cultuando as artes, os pensadores, os filósofos, os corifeus da ciência e os itimoratos trabalhadores no campo da ética e da moral. Exaltavam o valor da Doutrina Espirita e suas consequências em todos os parâmetros da vida.

Por outro lado, faziam de suas atividades um ato sério, procurando exemplificar. O exemplo, na sociedade dos homens, é bem mais valoroso e quase sempre alcança uma meta. A simples referência de fatos e de qualidades, se perdem muitas vezes, nas palavras e pouco se fixam nas mentes necessitadas.

O Nestor, além de seu trabalho no setor médico, dedicava-se a fazer palestras, de caráter espiritualista, com a finalidade de mostrar a importância da ciência, de suas hipóteses e leis, no êstofo da Doutrina Espirita. E, pelos anos afora, jamais notificou alguma incongruência ou falta de adequação entre ciência e espiritismo; muito ao contrário, sentia e mostrava quanto a Doutrina Espirita se bem casava com a ciência, e quanto as duas juntas alicerçavam-se mutuamente.

O Nestor possuía uma atividade dentro do Espiritismo, uma vez por semana, que se conservou por doze anos seguidos. Dirigia uma sessão, conhecida como sessão de desobsessão, que lhe forneceu conhecimentos e permitiu abrir ainda mais os horizontes sobre o psiquismo humano.

Estas sessões eram realizadas, as quintas-feiras, à noite obedecendo horário e determinadas normas que todo trabalho sério exige. Todo o grupo participante trabalhava de modo uníssono, cuja finalidade precípua era o esclarecimento de espíritos ainda vagando nas sombras pela incompreensão da imortalidade e as respectivas consequências reencarnatórias.

As sessões exigiam de seus participantes conduta condizente com os seres que necessitam exemplificar e aconselhar. Por isso, de tempos em tempos, havia estruturação do grupo com admissão de novos membros em substituição àqueles que já não poderiam oferecer o seu concurso desprezioso, porém disciplinado e coerente com as medidas de uma ética qualitativa.

Quem participa de reuniões desse jaez necessita, além de conhecer a Doutrina Espirita, de esforçar-se para que possa ser respeitado, moralmente, pelos espíritos deficientes que estão sempre a espreita na anotação dos deslises, das desarmonias e dos nossos erros. E o mais importante é estarmos preparados para compreender a desventura

dos decaídos, a ignorância dos que carregam a vindita dos desafetos, a monoidéia da vingança e as vis paixões dos que rastejam e chafurdam na lama dos próprios erros.

André Luiz nos traz um palpitante esclarecimento: «Quando examinamos a desventura de alguém, lembrando as próprias deficiências, há sempre asilo para o amor fraterno no coração».

Essas sessões que propiciavam o esclarecimento das mentes conturbadas desencarnadas precisavam responder por forte conteúdo de tolerância, entendimento e amor, a fim de que os necessitados pudessem confiar. Esse era o método base, com as naturais variações, que cada comunicante estaria a exigir no seu esclarecimento.

O próprio Nestor percebia, à medida que o tempo avançava, quanto de lastro psicológico ia adquirindo com esses labores, e quantos elementos de pesquisa ia ajuntando para os seus artigos e livros. Quanto mais trabalhava, mais sentia o imenso conteúdo científico que as entrevistas dos desencarnados ofereciam; e, ao mesmo tempo, anotava o infundo horizonte que se mostrava diante o psiquismo humano.

Dizia habitualmente:

– Com o intercâmbio entre encarnados e desencarnados, às expensas da fenomenologia mediúnica, percebemos quanto nos falta para penetrarmos nas estruturas do espírito. A mente do homem, com seus labirintos e arcanos, necessita de trilhas seguras na devassa da sua intrincada e, atualmente, inatingível estruturação. Pouco ainda conhecemos sobre as estruturas físicas do sistema nervoso e quase nada do mundo maior do Espírito. Nas regiões internas, os campos vibratórios dinâmicos ou zonas do inconsciente, onde se passam os mais expressivos fenômenos de paranormalidade, conseguimos anotar, apenas, alguns efeitos de suas manifestações. Dia virá em que o homem, mais liberto de suas paixões e instintos menos felizes, apresentará condições de um intercâmbio mais expressivo com o mundo espiritual; e desse intercâmbio haverá entendimento e compreensão nos autênticos destinos da vida. Quando as conquistas se mostrarem mais efetivas propiciarão, na gleba planetária, um novo surto de conhecimentos para a felicidade da família humana.

As sessões de desobsessão, que o médico psiquiatra participava e desenvolvia, representavam sempre entrevistas de esclarecimentos. Nelas existem muitos ângulos de interesse para a ciência psiquiátrica, onde observamos verdadeiras drenagens de paixões, confissões, catarses, cujos mecanismos são bem cultivados pela psicologia dinâmica.

Em algumas comunicações os diálogos com os carentes e necessitados apresentavam tantas nuances psicológicas que demonstravam verdadeiros psicodramas, tão a gosto de certos métodos de tratamento psiquiátrico dos nossos dias.

As mentes desencarnadas em desalinho propiciam um trabalho intenso e ajustado, originando, na maioria das vezes, vários encontros ou entrevistas, a fim de que o esclarecimento se expresse de modo bem positivo; isto porque, as mentes doentes, despidas de moral, utilizam manobras, mentirosas em sua maioria, acobertadas na perfídia e na hipocrisia. São espíritos doentes e amorais e, como tal, profundamente necessitados de esclarecimento.

Creemos que a realização de um trabalho de tal ordem exige dos participantes das reuniões, tolerância, compreensão e que todos os componentes, mesmo adrede preparados, não aguardem grandes sucessos. É trabalhar com todas as forças sem a busca de recompensas; mas, sempre, existirão momentos gratificantes, diante muitos dos casos, pela ajuda autêntica do setor espiritual de comando.

O aparecimento da possibilidade de despertar aos que se encontram obnubilados pela desordem e desentendimentos de toda ordem, por aqueles que

persistem rastejantes na negatividade, representa um somatório de consolo e refletir-se na paz e na harmonia das equipes de trabalho.

Através dessas reuniões muitos espíritos são levados para as zonas de tratamentos específicos, no mundo espiritual, necessitando da participação dos médiuns para o primeiro contacto, para o primeiro toque, para um despertar que somente as vibrações dos encarnados oferecem. São as vibrações afins que as células físicas (animais) podem propiciar ao necessitado, ainda completamente fechado para os campos de vibrações mais delicados do mundo espiritual.

As reuniões desse jaez recebem uma variada gama de espíritos, em posições evolutivas as mais variáveis e em condições diversas. Existem espíritos em faixa de autêntico desamor, porém com aguçada inteligência, empregando métodos, algumas vezes eficazes, em processo de vinganças contra seus desafetos do pretérito. Esses encontros tornam-se possíveis e quase sempre se dão, pois o devedor não escapará as reações da Lei; são vibrações que se afinizam, embora de modo negativo. É inevitável a aproximação entre aqueles que se encontram em dívidas. Os látegos das dores, daí resultantes, são também mecanismos de libertação. A dor sempre representa processo de remissão, seja ligada a compromissos passados ou fora dos mesmos.

Nessas sessões, com o trabalho dos anos, inúmeros espíritos foram esclarecidos. Alguns simplesmente despertaram e outros tantos persistiram em suas antigas posições. A Lei, sempre sábia, «dará a cada um segundo as suas obras», suas atividades e sua influência no ciclo onde milita.

Muitos desses espíritos, após a comunicação e respectivo intercâmbio, que por si só já representa uma doutrinação, ficaram esclarecidos de sua posição de desencarnados, aceitando os novos cantinhos a percorrer. Alguns, mais rebeldes, não admitiam a referida condição; esgrimavam com a doutrinação para se convencerem estar de posse do seu corpo físico pelas sensações carnis que consigo carregavam. Este tipo de inconformação está exclusivamente ligado ao peris pírito, com as suas antigas e sempre presentes sensações fortemente atadas ao passado. Viviam no passado com seus interesses, maiores ou menores, jamais aguardando ou tampouco desejando mudanças. As vezes, séculos se escoaram e para eles, em monoidéia, nada mudou nem vai haver transformações. A mente desses desencarnados como que sofre um processo siderativo no tempo, tornando-os inatingíveis a qualquer diálogo. Entendem, exclusivamente, o que lhes interessa e o que representa o seu próprio mundo de íntimas sensações; as suas visões são limitadas e sem elasticidade; envolvem-se nas próprias secreções deletérias que esperzem.

O tempo é o grande fator para equilíbrio dessas almas difíceis, com fortes e inúmeros delitos. Mesmo os mais rebeldes, em intercâmbio mediúnico constante, acabam entendendo a sua própria posição e as necessidades que precisam desenvolver para uma posterior conduta. O médium, auxiliado pelo grupo, permeia e inunda o necessitado com vibrações construtivas, que representarão dados despertantes para novos raciocínios, em novos cursos de pensamento, na busca de caminhos mais seguros e afirmativos.

Ao lado de tudo isso, o Nestor como médico, tirava ilações dos biótipos psicológicos e da natureza íntima dessas estruturas espirituais e imortais, com as suas nuances e infinitas apresentações. Arregimentava, integralmente, os dados e fazia-os vivos no sentido de ampliação dos horizontes do seu conhecimento psiquiátrico. Afirmava em solilóquio:

- Quanto precisamos dessas informações, desses dados tão eficientes na compreensão de uma Psiquiatria mais bem alicerçada, a fim de iluminar a nossa noite científica.

Lamentava os cientistas que não desejavam verificar e muito menos pesquisar os fenômenos mediúnicos. Alguns chegavam a asseverar, sem a menor dose de conhecimentos e experiências, que são fenômenos criados pela mente do próprio médium. Outros tantos, desconhecendo integralmente todos esses mecanismos, asseveram tratar-se de fenômenos patológicos pertencentes à Psiquiatria e que devem sofrer tratamento.

Pensava o psiquiatra e pesquisador que já possuía dados e observações dignos de nota:

- Quanta incongruência, quanta falta de observação e interesse, quantos propósitos mal dirigidos, quanta leviandade, quantos fatores em jogo e quanta vaidade científica...

Não podemos exigir dos homens, mesmo aqueles que militam nos arraiais da ciência e com formações tipicamente materialistas, que voltem os seus olhares para um panorama de características espirituais. Eles mesmos não suportariam tamanho foco de luz diante os seus sentidos. Preferem ainda as sombras e as sobras onde a luz pouco alcança.

Não queremos dizer com isto, que todos aqueles que estejam nas vivências do espiritualismo estão certos e detentores da verdade; mas, sim, que encontrariam um caminho a mais, uma trilha, onde novos mecanismos se mostram e podem ser avaliados, estudados e aquilatados. Alguns penetram nestes campos com amor, sem prevenções, com humildade e considerando-se simples discípulos – são aqueles que alcançam e penetram, com profundidade, muitos conhecimentos. Outros tantos, considerando-se eleitos, privilegiados e com certa dose de vaidoso egoísmo, ficam boiando na superfície dos mecanismos e não conseguem perceber a essência de vitalidade e beleza em que se encontram envolvidos.

A questão é de evolução. Quem se encontra mais avançado, logo percebe estes tipos de manifestações, dando-lhe real sentido; isto porque existem os que aceitam de modo místico e restritivo a fenomenologia em pauta, desejando colocar dentro de seus próprios limites e evitando a extensão de tais eventos.

Existe de tudo. A evolução apresenta infinitos matizes e cada ser se envolve com os interesses de sua própria compreensão e com as afinidades de suas próprias emoções.

As sessões de desobsessão representavam para o Nestor, o médico psiquiatra, o grande manancial onde, semanalmente, se via envolvido com novos conhecimentos e inusitadas apresentações dos fenômenos ligados ao psiquismo humano.

E uma das razões de maior interesse que as referidas sessões mostravam, era, após a doutrinação do espírito carente, o seu respectivo preparo para a arena reencarnatória. A maioria, aceitava após doutrinação e entendimento, a reencarnação como elemento propiciatório de seu processo liberatório. Alguns, ainda sem dificuldades, entravam nos preparativos da reencarnação de modo compulsório. Os primeiros, em aceitando a dávida, auxiliam o mergulho na carne e trazem, no panorama mental, os necessários pensamentos positivos de ajuda que muito concorrem para a vitória; é como se as forças do espírito estivessem vibrando no bem e aguardando a experiência construtiva na romagem da carne. Os demais, em reagindo ao processo, ficam irradiando vibrações que contrariam e, de certo modo, são improdutivas para o desenrolar da grande mecânica da vida.

Nessas sessões os participantes tinham, como posição prioritária, aliviar as angústias alheias, a angústia dos espíritos mentalmente desarmonizados. Reverenciavam os necessitados no sentido de ampará-los, oferecendo-lhes amor, ao tempo em que sedimentavam, cada vez mais, um movimento de universalismo, atributo da própria

Doutrina Espírita. «O amor é luz de Deus, ainda mesmo quando resplandece no fundo do abismo (André Luiz)».

- 9 -

Foi num pequeno e restrito período que antecedeu a fase inicial da gravidez da Marta que, numa das sessões mediúnicas, apareceu um espírito necessitado, porém com grande potencial de inteligência procurando desafiar o grupo com suas inquirições.

Na primeira entrevista, pois muitas se sucederam, logo mostrou o seu potencial de intelecto e o assunto que desejava dialogar. Foi de tal ordem a proposição, que mais sete entrevistas se desenrolaram pelo interesse do assunto e pelo natural desenvolvimento que a doutrinação reclamava.

Em cada uma dessas entrevistas o processo de esclarecimento despertava tanta atenção que o grupo, em conjunto, participava de todos os diálogos, havendo como que um alargamento das emoções de todos os participantes. O interesse tornou-se total pelo envolvimento que o espírito comunicava ao grupo. Esse interesse foi patente até a última entrevista, quando o espírito despede-se para cumprir seu novo destino em nova trilha construtiva.

As entrevistas ocupavam, em média, quarenta e cinco minutos. Desta maneira percebíamos a importância de todo o processamento mediúnico que o caso em pauta apresentava.

A primeira vez que o espírito incorporou no médium, e que foi o mesmo até a última entrevista, logo observou-se tratar-se de uma entidade de boas condições intelectuais, apesar de seu estado irritativo e deslises emocionais, traduzidos por uma forte necessidade de imposição e domínio.

Nesta primeira entrevista disse não interessar, de modo algum, a sua identificação. Desejava dialogar com o doutrinador, que era o médico psiquiatra. Dirigindo-se ao mesmo, de modo decisivo e com ar de superioridade, exigia:

- Quero uma conversa de «tipo adulto», sem «lengalengas» místicos ou palavriado evasivo. Devemos utilizar palavras precisas e que possam definir as coisas...

O Nestor, de imediato, sentiu o terreno em que pisava e o potencial psíquico que a entidade carregava. Ao mesmo tempo, notava certa inquietação do comunicante, procurando deixá-lo mais à vontade, a fim de que fosse feita uma necessária catarse se o espírito falasse sobre os fatos ligados às suas próprias emoções.

O doutrinador, aquele que sempre dialogava com os necessitados, levantou-se, dirigiu-se ao médium incorporado e, ao seu lado, num gesto de bondade e delicadeza, ao mesmo tempo que toca, de leve, no ombro do médium, dirige-se ao espírito com ar paternalístico:

- Meu filho, vamos conversar, de modo adulto como é de seu desejo. Por que aqui está? Necessita de algo que possamos auxiliá-lo?

O espírito reage, expressando-se de modo imperativo:

- Retire a mão de meu ombro. Não é porque não deseje dialogar. É que não estou me sentindo bem e as suas mãos estão enviando vibrações que não estou suportando...

Fez um pequeno gesto de defesa, porém dentro de normas educadas.

Perguntou o doutrinador:

- O que está acontecendo com as minhas mãos, apesar das nossas sadias Intenções? Não estão causando bem estar à sua pessoa?

Explica o comunicante:

- É que eu, no lugar em que me encontrava, comandando centenas de espíritos, fui como que arrebatado para a crosta terrestre, trazido contra a minha vontade, na presença de todos vocês. Aliás, desejo dizer que só conversarei consigo – apontando o Nestor ao seu lado – única pessoa que reconheço alguma possibilidade de diálogo inteligente. Não é o ideal, mas, já que aqui estou convocado, vamos conversar ...

Imediatamente o Nestor, o doutrinador daquelas sessões, pôs-se as ordens para ouvi-lo:

- Inicialmente, vocês precisam saber que estão falando com alguém que raciocina, com alguém que sabe o que quer, embora esteja compulsivamente obrigado a um diálogo. Sou suficientemente inteligente para compreender, se vocês, diretamente ou com auxílio de outros espíritos, conseguiram demover-me dos meus domínios é porque existem forças, outros caminhos, fatos diversos, que preciso tomar conhecimento para qualquer decisão posterior.

Disse-lhe o Nestor, mais a vontade dentro do diálogo- doutrinação:

- Vamos com calma e por partes.

Responde o espírito sempre atilado e em defensiva:

- Já estou melhorando, sentindo-me mais ajustado na posição de vocês e atento para o que der e vier. As vibrações da superfície da crosta, onde agora me encontro, ainda é um pouco dardejante para as minhas emoções.

- Diga-me uma coisa – falava o doutrinador – o lugar que estava era melhor do que o nosso?

- Não quero dizer isto. Lá, a vibração é mais pesada, porém onde me encontro adaptado e bem manuseando o meu mundo. Agora, aqui, sou em parte dependente e, como não dizer, também escravo.

- Não fale assim. Todos aqueles que aqui chegam são nossos irmãos em Cristo, tratados com respeito e reverência, desde que nos dispensem igual tratamento.

Aos espíritos que se encontram em desalinho, revoltados, em contundente monoidéia, não poderemos oferecer diálogos, muito menos entendimentos. São levados a locais específicos, no mundo espiritual, para tratamento e respectivo despertar.

O comunicante voltava a falar com certo ar de superioridade:

- Não pretendo ser invectivo, porém defenderei a minha posição; sei que tenho este direito.

O diálogo prosseguia e o espírito comunicante, em ângulo psicológico defensivo, mostrava-se intransigente e lembrando que a sua posição não deveria ser violentada. De modo incisivo e com precisão dizia:

- Aqui estou diante pessoas encarnadas, sabendo que já sou espírito desencarnado e que não serei violentado em meus pensamentos e, muito menos, a minha vontade.

- Caro irmão – falava o doutrinador – jamais faremos algo que lhe prejudique e que violente o seu livre arbítrio. Se nos tratar com o devido respeito, é claro que haverá o respeito entre irmãos que se compreenderão.

- O que desejam de mim? Não posso ceder os domínios que muito custou às minhas forças e a minha vontade. A luta foi grande e imensa. Quando desencarnei, antes do término da guerra na Europa (1939-1945), esbarrei com inúmeros espíritos aílitos e que foram, a pouco e pouco, por mim arrematados. Eles estavam desorientados e como comandante que sempre fui, senti-me impulsionado para este trabalho. Neste momento,

ainda não sabia, propriamente, que já tinha deixado o corpo físico, como também, todos aqueles em nossa volta que procuravam orientação. Não tive opção. Fui general nazista e meus comandados exigiam orientação e proteção. Organizei, por exigência da situação, um pequeno exército, onde desenvolvíamos atividades militares, tentando defendermo-nos de batalhas intensas e sem fim, muito mais acesas e violentas do que aquelas que participamos quando encarnados. Fui, a pouco e pouco, compreendendo que as coisas estavam diferentes: as bombas que caíam do nosso lado, não nos matavam, deixam-nos inquietos e apreensivos, mas, não existiam mortes. Eu conhecia bem as armas e suas possibilidades. Andávamos pelos campos de batalha e não éramos atingidos. Também, começava a perceber que o nosso exército aumentava e necessitava de um abrigo seguro, des-- canso e alimentação. As horas se passavam, os dias se escoavam, e o nosso regimento, como autômato, marchava... Comecei a perguntar a mim mesmo: para onde vamos? Estávamos sem destino, não percebíamos que marchávamos a esmo; os feridos nos acompanhavam e todos tinham necessidade de se ajuntar, aguardando sempre de minha pessoa – o general do III Reich – as soluções e as ordens.

O espírito, incorporado no médium, sem modificar a posição em que se encontrava, prosseguia a sua narração:

- Reuni alguns oficiais e mesmo soldados para tomarmos decisões. A análise da situação mostrou (pie estávamos mortos, desencarnados. Alguns dos nossos possuíam condições de tudo compreender, porém a maioria tinha como certo que os mortos desaparecem de uma vez por todas; os mortos não se manifestam. Morte é destruição de tudo..... Nesta posição, tomei uma solução fundarei um núcleo nazista, em nossa posição espiritual, e com o tempo iremos esclarecendo a tropa e ficaremos mais bem preparados para as eventualidades. Fomos, a pouco e pouco, mergulhando em locais escuros até uma região que nos abrigou.

O espírito comunicante, mantendo a mesma condição de exposição, enfatiza:

- O núcleo foi fundado e sedimentado em bases militares; lentamente fui me investindo de poderes imensos, diante todo aquele grupo de alemães que obedeciam cegamente e aceitavam o meu comando. Eu passei a ser uma espécie de salvador; aquele que lhes deu um pouso. Por esta época, já tinha compreendido, com mais nitidez, que havia desencarnado, assim como muitos dos meus auxiliares. Por precaução, já estávamos traçando planos para domínio das regiões vizinhas e possuindo um tipo de vida idêntico a qualquer organização militar disciplinada; não poderíamos admitir contestações de nossas ordens, como, também apreciações que contrariassem os nossos desejos. A nossa meta consistia em dominar, integralmente, a regiões vizinhas como um mecanismo de defesa e dar aos homens a nutrição mental da necessidade de conquista e vitória. Jamais deveríamos falhar; a raça alemã estava destinada às grandes conquistas. Em nosso território estava a suástica como símbolo de superioridade e poder integrais.

O espírito tomando uma atitude mais serena, prossegue a sua narrativa:

- Apesar de tudo isso, sedimentados e assegurados em nosso território, que hoje sei ser local no interior da Terra, recebíamos certas visitas que não tínhamos possibilidades de bem analisar. Deixávamos os homens atentos e responsáveis por qualquer surpresa. Hoje sei, que eram espíritos verificando o nosso local, a nossa fortaleza. Estou, agora mesmo, reconhecendo pelo tipo de vibrações que um de vocês por lá esteve várias vezes, em campo mental, e de difícil reconhecimento pelo nosso pessoal naquela ocasião. Sabíamos que estávamos sendo observados, mas não tínhamos meios de identificação. Hoje reconheço o porquê de tudo isso; não tenho condições de perceber espíritos mais avançados na evolução. Dessa maneira, sentia os meus próprios limites procurando nada

demonstrar aos meus comandados. Quando havia alguma dificuldade desviava a atenção dos que me acompanhavam, com oportunidade, de modo a nutrir as suas esperanças de se encontrarem em terreno seguro. Quem assume um comando tem por obrigação de mantê-lo; isto define o chefe.

Continuava o espírito a nos dizer, com certa facilidade, todas as suas atividades. O Nestor, de improviso, sem qualquer preparo, perguntou:

- Por que assim procede contando as suas vivências ?

Respondia o espírito enfático e sério:

- Sei que existem espíritos poderosos, interessados em desfazer a nossa organização. Se vocês, como inicialmente já disse, conseguiram me demover e trazer-me até a superfície da crosta para este encontro, sou suficientemente inteligente para tomar a atitude do diálogo e compreensão. Estou mesmo certo que o meu destino será outro e que daqui não volto aos meus domínios. .. Tenho encontro marcado com o destino...

Com um suspiro completava:

- Desejo ir. Voltarei para novo diálogo, em novo encontro, com esse trato educado e sem violações. Sinto este impulso na intimidade do meu ser. Está me dizendo uma entidade, potencialmente superior a todos nós, que eu voltarei . Desejo dizer, também, que as minhas atitudes não mudaram. Se houver possibilidade voltarei aos meus domínios. Lá sei o que posso fazer. Aqui, desconfio de uma coisa que não desejo que aconteça, mas creio que vocês jamais violentarão a minha vontade.

Assim, encerrava o espírito a sua narrativa, que logo foi seguida de uma comovente prece. A entrevista passava dos cinquenta minutos. O espírito ao deixar o médium, em fácil desincorporação, dizia:

A prece é para vocês; eu ainda reajo a essas pieguices. ..

Após a desincorporação o médium encontrava-se um pouco cansado e desejoso de certos comentários, que foram realizados após o encerramento da reunião.

Naquele momento, todos ficaram estarecidos e curiosos diante a entidade comunicante pelo seu raciocínio e inteligência, pela sua férrea vontade, pela sua compreensão do processo, embora vivendo, emocionalmente, as suas posições que procurava ainda defendê-las.

A entidade, apesar da sua condição de general, carregando o orgulho de pertencer a Alemanha nazista, entendia a nossa posição, o respeito que dedicamos a sua personalidade e a reverência que lhe dispensamos nos diálogos e no seu depoimento.

Após o término de tão inesperada entrevista e fora da sala de reuniões, comentava o Nestor:

- Ele novamente voltará, com atenções e sem invectivas ao nosso núcleo de trabalho. A entidade, apesar de possessiva, apresenta traços de honestidade consigo mesmo. Disse que voltará; não há motivos para pensarmos de modo diferente. Saberemos o seu destino; ele mesmo colaborará neste sentido.

Todos do grupo ficaram a pensar na importância do amor e na posição de respeito que devemos ter com todos os seres, e o valor do diálogo sincero que devemos incluir em todas as situações. Todo ser humano, encarnado ou desencarnado, terá que ter por obrigação o cultivo da reverência para com o seu irmão. O homem de futuro, integral em todos os seus propósitos, dedicará um imenso respeito ao próximo, seja qual for a posição que ocupe.

O respeito e reverência a pessoa humana, bem desenvolvido e equacionado por Albert Schweitzer, em sua filosofia de vida, mostrou ao mundo o super-biótipo cumpridor das máximas evangélicas. Schweitzer, pastor e médico, exercendo atividades no Congo

Belga, em sua época, mais precisamente em Labarené, deu, com a sua assistência carismática e ao mesmo tempo plena de integral amor, atenção e alívio das dores aos negros da África.

A ética desenvolvida por este grande vexilário do amor, a ética da reverência pela vida, mostrou aos homens deste século como o indivíduo, tomado e envolvido por dignificante idéia, pode considerar-se em dívida com a humanidade. Essa grande bandeira do bem, o corifeu do amor, necessitava esparzir consolações e auxiliar, de modo desprezioso, os carentes e os menos evoluídos. Todos os seus atos sempre foram singelos, seguros, sem pretensões de heroísmo, diríamos mesmo: atitudes constantes, persistentes, como a traduzir um impulso da própria alma, de tudo dar sem exigir recompensa. Com isso, teve a grande percepção da realidade cósmica pelo senso de respeito aos direitos humanos e do valor do indivíduo. Sentiu, quase que de modo compulsivo, o desejo de sanar as angústias de seus irmãos negros, angústias do corpo e do espírito; assim o fazia por ter fé na humanidade e confiança no poder da Verdade e do Espírito. Humanidade que um dia mostrará, mesmo através das dores, o seu grande e maravilhoso destino.

Os grandes homens não limitam a sua ajuda, oferecem-se em holocausto diante uma idéia, principalmente quando acolitada com realizações. A ética da reverência pela vida, por ser a ética de um intenso e extenso amor, de características universais, foi o grande marco de doação, por um missionário de escol, ao carente século XX.

Gandhi, seu contemporâneo, em pegadas semelhantes, porém em campo diverso, também deu o grande testemunho, através da «experiência da Verdade», mostrando que o missionário é um cidadão cósmico e não se pertence. A sua função é arrastar as civilizações para mais altos destinos.

- 10 -

Na semana seguinte, antes da reunião de desobsessão, os componentes do grupo comentavam o caso do general nazista, da sessão anterior, deixando a todos um certo laivo de ansiedade. Aliás, casos desse tipo, não representam um fato comum.

O médium Edson, que serviu de mediano por todo o período de comunicação do referido espírito, lembrou-se que em sessões bem anteriores deslocava-se do corpo e sentia-se impulsionado para certas regiões espirituais. E uma das regiões a que fora levado, de modo mais constante, possuía em seu pórtico a cruz suástica como símbolo dos seus habitantes; isto confirmou a informação fornecida pelo «espírito do general».

Quando fora das reuniões, o médium, a princípio, não via o porque dessa sua visão da suástica alemã nos seus deslocamentos espirituais observados nas sessões. Até mesmo pensava tratar-se, dentro das suas condições espirituais, como sendo verdadeiras inserções animicas, isto é, criações de sua própria mente excitada pelas emoções; por isso, naquela época, passava a não dar qualquer importância ao fato. Porém, após a apresentação do espírito comunicante identificando-se como sendo um ex-general nazista e suas outras respectivas afirmações, sentiu realçar dentro de seu psiquismo, em suas áreas emocionais, a veracidade dos deslocamentos espirituais que efetuava para aquela organização que teimava em tomar corpo, tornar-se vigorosa e independente.

Várias vezes o médium fez excursões no reduto espiritual nazista e sentiu que, além de ser levado era acompanhado por espírito orientador cuja categoria não podia definir. Sabia-se orientado e acompanhado. Por quem? Entidade mais evoluída que estava

utilizando o médium naquela jornada por uma específica finalidade? Passou a ter certeza da validade daqueles deslocamentos a um submundo espiritual que, por sua vez, era autêntico e desejoso de afirmação. Quando o deslocamento se dava não conseguia recuar, a sua vontade acompanhava todo o impulso, sentindo-se útil e bem amparado.

A maioria do trabalho espiritual, nas sessões de desobsessão, é quase sempre percebido pelos membros encarnados de modo reduzido e limitado. Os encarnados não conseguem alcançar a realidade com as riquezas de detalhes que essas sessões encerram. A nossa análise é reduzida em face a pobreza e limites da zona consciente humana; não temos, ao menos quando encarnados, a possibilidade de uma avaliação de profundidade. Somente o inundo espiritual maior, que está a dirigir a estrutura do processo, é quem conhece as razões de todo o procedimento e os caminhos a serem percorridos .

Os componentes dessas reuniões podem perceber muitas nuances que o mundo espiritual pode oferecer, às vezes de modo bem extenso. Existem casos específicos, nos quais somos peças na vivência de alguns desses fatos, participantes de um complexo mecanismo que foge integralmente a nossa análise.

As referências do médium, sobre suas incursões em campo mental, foi anotada pela maioria do grupo como um necessário Contacto para a atração do espírito ao processo de esclarecimento: uma maneira bem lógica de aproximação do espírito com o grupo.

O Nestor acrescentava com -oportunidade:

- Sem dúvida este mecanismo só pode ser o verdadeiro, mas não creio que a referida entidade espiritual necessite de esclarecimentos, pois a sua conduta e atitude são as de um conhecedor das leis que regem todo esse mecanismo. No máximo, podemos dizer que a entidade necessita de conhecer a ética do Cristo, com a qual os seus horizontes se ampliarão.

Ao mesmo tempo perguntava aos companheiros do grupo:

- Se este sabe e informa muitas coisas, esclarecer o que? A sua situação de desencarnado? Já sabe. A sua posição espiritual? Já conhece. O que realmente vamos oferecer- lhe quando voltar para nova entrevista ?

Veio, pelo próprio doutrinador, uma resposta parcial, uma resposta que, por si só, não poderia tudo explicar:

- O espírito veio para a nossa sessão, afim de ser burilado em seu orgulho, em sua posição de dominador e do intelectual atilado e frio. Parece-nos que é isso. Se ele voltar em nossa reunião, conforme prometera, será tratado com o mais cuidadoso linguajar e sempre dentro do amor. Acho que esta será a nossa função; e, quem sabe, prepará-lo para um novo serviço, uma nova atividade, ou mesmo uma nova reen- carnação.

Chegou o momento do início de uma nova sessão de desobsessão com a necessária orientação e disciplina de sem pre. Realizadas as leituras de caráter construtivo que as mensagens evangélicas propiciam, foi aberta a sessão com uma prece. Logo a seguir a palavra do orientador espiritual pontificou a posição construtiva, através o médium Anibal que, entre outras coisas, referiu-se a presença do «general», em segundo lugar, nas manifestações. Afirmava o orientador da necessidade de vibrações construtivas, a fim de que os comu- nicantes pudessem ser envolvidos, de modo benéfico, nos diálogos que seriam desenvolvidos.

O primeiro espírito, incorporado na médium Cristiani que fazia parte do grupo e representava, como os demais componentes, um de seus esteios, após dez minutos estava, praticamente, atendido. O médium Edson informava que estava a sentir a aproximação do aguardado espírito, que logo ocupou a sua organização, passando a falar:

- Aqui estou. Trouxeram-me novamente. Não consegui voltar aos meus domínios, mas passei quase todo tempo meditando, em local específico, para o nosso segundo encontro. Quero dizer, também, que não fui obrigado a fazer o que não desejo, embora cortassem as comunicações com os meus subordinados. Se essa situação persistir alguém vai ter que assumir aquele comando. Ou será que vocês vão despertar todos aqueles soldados para uma nova ordem? Não, não acredito; é trabalho imenso. Penso que, a pouco e pouco, muitos serão trazidos à superfície terrestre para «conversas». O que será mesmo, que vai acontecer? Estou seguro e preparado. Informo que resistirei...

O doutrinador toma a palavra e passa a informar:

Meu irmão não haverá querelas, nem competição. Todos os pontos serão esclarecidos dentro do bem e da paz.

- Este não é um ponto interessante para mim doutor. Posso conversar e mesmo defender alguns pontos de vista, mas um soldado como eu, metido integralmente numa guerra, deve pensar no bem e na paz? Paz, somente após a guerra, sendo vitorioso.

- Mas, meu irmão – dizia o Nestor – a guerra já de há muito terminou para os encarnados. E, como acabou, pensemos em paz e em ordem. A paz já se tornou efetiva na rendição incondicional da Alemanha, em 1945. Estamos no início da década de 1970. Praticamente, três decênios se esgotaram.

Doutor, o senhor me toma as frases em momentos críticos. . . e sabe muito bem que a minha posição não é a sua, embora eu não tenha percebido como o tempo avançou – três décadas! Como estará a nossa gente na Alemanha?

Intervém o Nestor com bastante carinho:

- Trabalhando na reconstrução e chorando os seus mortos, como todos os que foram alcançados pela guerra. A guerra desenvolvendo-se na Europa e alcançando quase o mundo inteiro não apresentou, como sempre, vencedores e nem vencidos – todos sofreram a derrocada. . .

Insistia o Nestor no diálogo, porém evitando que descambasse para as discussões sem proveito:

Nestas condições quais das posições a mais aceitável? A nossa tentando chegar ao seu coração, ou a sua tentando reaver os domínios de um exército que poderá desfazer-se quando descobrir que já não mais pertence a zona física?

- O doutor deve saber que o soldado alemão vai às últimas consequências diante das ordens de um chefe.

- Meu irmão, não estou duvidando dessa fidelidade, mas da finalidade que essas ordens possam, no momento, representar. Você, meu amigo, diz que, praticamente, perdeu os «seus domínios». Já não é hora de pensar noutras condições e noutra tipo de vida?

- Doutor, estou ficando cansado. Não aproveite a minha deficiência momentânea. . .

- Absolutamente... Vamos orar para clarear-nos.

Seguiu-se a prece, acompanhada pelo grupo, o que reforçava as vibrações. Pela primeira vez o espírito ouviu o desenvolvimento da oração sem acrimônia, ou atitude desrespeitosa, embora com a fisionomia ligeiramente contrariada, bem revelada pelo médium. Esta nuance traduzia quanto o espírito comunicante já estava afinizado com aquele que lhe servia de medianeiro, a ponto de exteriorizar a suas emoções.

Terminada a prece, pequeno silêncio compensador se mostrava no ambiente. O «general» voltou a falar:

– Me retirarei e não tenho dúvidas que voltarei. Concatenarei meus pensamentos e minhas emoções, conversaremos novamente. . .

Passaram-se, aproximadamente, cinquenta minutos dessa entrevista com o respectivo encerramento da reunião.

O grupo opinava que o estado do espírito era favorável, mas, também, que havia necessidade de uma melhor catarse das suas energias emocionais; o espírito precisava referir-se aos fatos de sua própria vida e passar a entender as razões que o mundo espiritual estava a lhe oferecer.

Os que participavam do grupo, antes de mais nada, não deveriam ter a pretensão de modificar a linha do respeito, quanto as ideias do comunicante, sempre desenvolvendo o amor e aguardando as informações do espírito com mais útil intimidade; deveriam propiciar uma catarse dos fatos envolvidos, principalmente, com as estruturas das vivências emocionais.

A catarse das emoções favorece muito mais a drenagem das vivências passadas, por arrastar consigo todo o material daninho que está sempre a nutrir a mente no sentido negativo.

Quem realmente deseja ajudar uma mente em desalinho, antes de mais nada, tem que procurar entender o estado psicológico do necessitado com o teor de emoções que carrega consigo. Precisamos participar da posição daquele que dispensamos ajuda, porém, sem jamais estacionarmos na mesma. Aos necessitados e carentes, que anseiam amparo, temos que dar apoio e esclarecimento. O homem só avançará, na escala dos valores, se aprender a amar e a ajudar; ajudar já denota simpatia e esta é quase amor. Mesmo que não tenhamos as condições ideais poderemos fazer tentativas, a fim de colher no próprio esforço o bem estar do cumprimento do dever.

Diz André Luiz, em «Os Mensageiros»: «Façamos todos o bem, sem qualquer ansiedade. Semeemo-lo sempre e em toda parte, mas não estacionemos na exigência dos resultados».

Os componentes do grupo, da sessão de desobsessão, analisavam o diálogo e as razões do espírito comunicante; sabiam e sentiam que ele voltaria para nova conversa. O interesse deles todos era, realmente, compreender o que os fatos poderiam mostrar e o que seria destinado, em auxílio, ao espírito. Também, o grupo sabia que estava diante um espírito, talvez recalcitrante em suas ideias, porém nunca diante uma mente em desalinho.

O Nestor sempre atento nestas questões comentava com o grupo:

- Este espírito, o «general nazista», está possuído por uma espécie de fé e não poderá ser convencido por simples palavras. Acreditamos que ele aceitará a lógica, porquanto, a sua própria fé não nos parece irracional. Ele se renderá, não só pelos normais argumentos, mas, principalmente, se todos nós criarmos um campo de amor intenso. Ele necessita de sentir-se bem entre nós. Somente quando iniciarmos a sintonia de um despretenso amor, a nossa palavra será apenas um veículo nas aconchegantes vibrações ambientais; aí, então, poderá ele alcançar a significação de todos esses propósitos e solicitará o nosso auxílio, isto é, o auxílio que a equipe espiritual do grupo determinar. Daremos o que pudermos, dentro de nossos potenciais; se formos um grupo despretenso e que só vise o auxílio do necessitado, seremos o filtro adequado e confiante do mundo espiritual que atua nesta faixa.

Continuando, ainda, dentro desse raciocínio, o Nestor abordava razões psicológicas e pontificava com a sua naturalidade:

- O espírito comunicante precisa sentir-se com liberdade para rejeitar ou aceitar as propostas. Teremos, assim, melhores dados de seu arcabouço psicológico e de suas imediatas necessidades. Alcançando esta posição, o espírito terá condições de buscar o seu destino. Ele próprio, um dia, esperamos em Deus, terá a liberdade de escolher o vôo para

a espiritualidade positiva, abandonando de uma vez por todas a escravidão dos instintos e apetites múltiplos. Compreenderá que a fúria do domínio e a insensatez do egoísmo impedem a libertação.

O Nestor, como que retomando as idéias e equacionando as posições de seu próprio pensamento, prossegue:

- Tudo isso fará com que o espírito comunicante entenda que o maior dos líderes, de qualquer atividade no plano hominal, necessita de um condutor ou orientador. Os maiores vão diretamente a Deus, os menores perdem-se nas equações intelectuais e, ainda outros, ficam rastejando até sofrerem novos impulsos. A liberdade é conquista e não privilégio; só poderá ser assegurada nos labores continuos e nas construtivas atividades do bem. Ela, a liberdade, será também responsabilidade e encargo, tanto mais expressiva à medida que o homem, ainda atado à tribo e procurando vivenciar a idade da razão, possa esparzir os seus pensamentos e atividades na escala de valores maiores, onde a intuição, como uma das suas jóias, dotará os super-biótipos do futuro.

Os componentes do grupo, após esses devaneios e apreciações das idéias em foco, naquela noite quente de verão do ano de 1970, no Rio, buscava descanso com o regresso aos seus respectivos lares. Parte do grupo que se encontrava numa das viaturas, à vontade, comentava as pressões e agressões das megalópolis. O Rio de Janeiro, com seu desordenado crescimento, exigia infra-estrutura para os seus habitantes e que pequena parte da população participava de melhores condições; assim mesmo, com algumas deficiências.

Alguém comentava:

- A vida no planeta está ficando difícil.

Interpelou o Nestor:

- O que vou dizer não é para desanimar e sim para animar: ainda teremos dificuldades maiores; nosso mundo está em desequilíbrio; os problemas da família ainda longe de uma adequada solução. Existem muitos interesses calcados no egoísmo, na ânsia de poder, no direito da força e do “deus dinheiro”. O homem ainda não possui a necessária estrutura moral para exigir ordem. Poucos pensam e agem certo e, por isso, representam pequenas ilhas de luz a clarear as sombras da ignorância e do desentendimento. O homem necessita de educação, de evangelização. Sem as razões do evangelho, geralmente torna-se um prepotente, entorpecido e sem ideal criador. E todo esse vazio exige preenchimento de potências positivas; é ordem da evolução. Não se trata de conhecer ou decorar o evangelho, é preciso vivenciá-lo, para penetrarmos a geração dos anjos. O nosso final de século está reclamando que o espírito humano encontre nutrição adequada, como um preparo, a fim de entender e suportar as transformações que nos atingirão. Nós, os encarnados e muitos desencarnados, esquecemos e negligenciamos muitas fontes de valor, onde o nosso pensamento poderia ter encontrado novas trilhas. Padecemos a falta de uma devida irrigação nutridora para o nosso psiquismo. Estamos como que em plena seca de valores espirituais. Teremos que promover a limpeza do terreno, afastar os detritos e providenciar a justa e aprimorada irrigação, para que uma nova vida desponte bem nutrida pelas águas do amor; transformar o deserto que nos aflige num pomar, onde o homem se sinta autêntico e possa desenvolver, com todas as suas forças, a dignidade e reverência pela vida.

A viatura, com aquele pequeno grupo, desfilava pela cidade buscando os respectivos lares. A noite avançava. Os comentários construtivos se faziam presentes, porém, na mente de todos, ainda ressoava o diálogo interessante com o espírito do «general».

O espírito desencarnado do «general» estava interessando profundamente a todo o grupo que trabalhava na sessão de desobsessão. Eram oito pessoas ao todo. Quatro elementos do grupo constituíam médiuns treinados e que faziam de seus trabalhos verdadeiros cultos à verdade. Os demais reforçavam os campos vibratórios e cooperavam na doutrinação, ou mesmo informações de caráter intuitivo como resultado de orientação espiritual.

Neste grupo de propostas sérias e bem orientadas, o mediunismo era realizado e encarado como missão. Não havia outra razão senão ajudar e servir em nome do bem. Quando o serviço mediúnicos é realizado em equações construtivas, despreziosas e mesmo com certa dose de renúncia, representa uma autêntica missão; isto vale a denominação de mediunato.

O grupo que desenvolve atividades na desobsessão, por receber as invectivas de espíritos violentos e com desamor na alma, tem por obrigação de preparar-se nos bons exemplos e na sã conduta, a fim de suportar as vibrações deletérias. Por outro lado, o espírito violento e tenaz que é levado à sessão de desobsessão, com suas querelas e desarmonias, impulsiona o grupo, principalmente o doutrinador, abrindo-lhe o curso de pensamentos e associação de ideias. Isto facilita a ajuda e amparo, aos participantes encarnados, por parte da equipe espiritual encarregada da orientação e manutenção do grupo. Durante o intercâmbio, além da doutrinação, o espírito necessitado também absorve a serenidade e harmonia do grupo, que lhe servirá de medicação para as suas negatividades; entretanto, ao mesmo tempo, mergulha na essência vibratória que, indiretamente, fez despertar. Tudo isso, nos dá uma idéia de como as reações negativas propiciam o surgimento do bem no favorecimento da própria evolução.

O grupo aguardava com inusitado interesse a volta do irmão que se dizia, e que posteriormente foi confirmado, um dos generais nazistas na última romagem carnal.

Mal acabara a segunda reunião a turma já estava ansiando pela próxima, na semana seguinte. Desejavam participar de um desfecho feliz e o elemento que centralizava os fatos era o espírito do «general» que, nesta altura dos acontecimentos e pelas suas atitudes disciplinares a oferecer diálogo proveitoso, encontrava-se cercado de certa simpatia. Quando começamos a ter simpatia por alguém é sinal de que despertamos e começamos a amá-lo.

A semana passou sem nada de maior importância nos arraiais espíritas. Os elementos do grupo aguardavam o término da semana com as atividades diárias de cada um resolvidas, no sentido do dever cumprido; tudo aquilo que compete ao ser humano realizar no dia-a-dia. Os componentes do grupo eram pessoas normais, com a importância que se deve dar aos seres humanos, necessitando do trabalho para o sustento familiar, o que é justo, normal e útil. Os seres têm necessidade de constantes solicitações para o seu próprio desenvolvimento; o trabalho representa um dos pilares sustentadores da própria vida.

No dia aprazado da reunião, todos, sem exceção, estavam a postos para mais uma atividade edificante.

Iniciado o trabalho dentro do esquema usual – leitura de uma mensagem construtiva e seguindo-se a prece de abertura incorpora o orientador – o espírito guia – que oferece, como sempre, consolação e forças para os labores de todas as latitudes, e simplesmente nos diz:

— Prossigamos nos moldes de sempre. Nunca é pouco lembrar que devemos esquecer os problemas e tumultos do dia-a-dia, para que os nossos pensamentos, mais livres, tenham efetivas possibilidades de auxílio aos mais necessitados do que nós. Quem oferece horas de auxílio é o primeiro a receber a luz.

Com essas palavras, os componentes do grupo, inundados de harmonia, ofereciam-se ao trabalho construtivo. Em atitude condizente aguardavam a presença dos espíritos programados para o esclarecimento.

Imediatamente fez-se presente o espírito que todos aguardavam, pelo mesmo médium. Era a terceira vez que incorporava. Prometera vir e aí estava. Coisas do destino.. .

Alguns espíritos, que foram auxiliados nestas reuniões, não vinham de modo seguido; após doutrinação e esclarecimento eram devidamente orientados. Entretanto, no caso do «general» os fatos mostravam que outros encontros existiam. O caso seria específico. Todo esse comportamento deveria ter especial significação.

Pensava, de modo cuidadoso, o Nestor:

— Acho necessário esclarecer integralmente este nosso irmão que ainda possui fortes impulsos de domínio de comando, em última análise, de nutrir o seu egoísmo calcado na vontade do poder.

Foi na vontade do poder que Adler, um dos discípulos de Freud, sedimentou a sua psicologia. Em 1911, achando que o mestre vienense tentava dogmatizar a psicanálise, com maior exclusividade nas fontes sexuais, não conseguindo trilhar esses pensamentos afasta-se, porém assegurando-se da realidade do inconsciente que, aqui e ali, mostrava a existência dos mecanismos de compensação acolado ao sentimento de inferioridade.

A vontade de domínio, a potência pessoal, estaria relacionada às insuficiências da zona consciente. A excessiva vontade de domínio, quando não realizada, poderá desembocar numa neurose. Considerava, Adler, que a vida tem uma finalidade, o homem tem que alcançar um alvo, o homem aspira sempre o poder.

Muitos acreditam nessas acertivas, porém considerando-se outros ângulos. Claro que o homem traz o impulso que o projeta na evolução, impulso que é uma vontade e uma necessidade; mas, a falta de conhecimentos e vivências diversas fazem com que esses impulsos sejam puramente instintivos. Sem um certo controle ou educação, principalmente de caráter espiritual, o indivíduo tenta impor as suas preferências e condições que nem sempre são razoáveis; e, sem medir esforços, impõe a conquista na posição de seus interesses. Este é o domínio superficial, passageiro, sem sustentáculo. O poder autêntico de um líder se faz na escalada do bem, na renúncia, na harmonia e na paz; este, que representa um super-biótipo, será comum na futura sociedade dos homens por uma natural condição evolutiva. Não acontecendo o mesmo em nossos dias, época de transição, de tantos desencontros, desequilíbrios e desarmonias, onde a maioria dos que se consideram líderes são mais aventureiros, a carregarem acentuada dose de paranoia.

O espírito do «general» não estaria propriamente enquadrado, pelo que se poderia perceber até àquele momento, num líder imposto pela força. Era um general de formação nas fileiras militares de um exército que primava pela disciplina, embora a Alemanha tivesse descambado para a conquista indevida, razões da última guerra européia.

O «general» era arguto, inteligente, educado, mas, exigia, pelo seu posto, uma espécie de submissão das pessoas. Diríamos: não gostaria de ser questionado. Entendia, e isso demonstrava, que a sua opinião já era uma solução e devia ser acatada por todos, ao menos aqueles que o cercavam.

Para o espírito que se dizia ser general nazista, o nosso grupo representava um freio às suas razões intelectivas. E, como ser pensante, já estava analisando a sua posição de desencarnado, sem o domínio e poder como era de seu costume na última romagem terrena. Diríamos, mesmo, que estava aceitando a atual condição por não existir uma outra. Como o grupo tinha esperanças de alcançar o «coração» do espírito do general, ele, também, devia estar com esperanças de entender a vida espiritual com mais largueza de horizonte. Talvez pensasse: «Já que fui trazido até aqui e praticamente conduzido a essa conversa, aguardemos os resultados...»

Iniciou-se o terceiro diálogo:

— Aqui estou novamente para conversarmos. Não consegui voltar mais aos meus domínios. Creio que já o perdi e não tenho intenções, nem mesmo possibilidades de reconquistá-lo. De lá fui arrebatado e já me encontro em outra posição vibratória que, no momento, melhor suporte. Sei que melhorarei espiritualmente, mas, muito me preocupo com o que o destino me reserva...

Intercede o doutrinador:

— Quem sabe se o destino, resultado de todas as suas atividades pregressas, não lhe está reservando dias melhores? Será que alcançará uma nova posição? Já teve informações, no mundo espiritual, sobre o caminho a percorrer?

Atencioso o «general» informa:

— Tenho ouvido de alguns tipos serenos e reservados e que são espíritos como eu, que estou indo bem por não estar revoltado e ter entendido muitas coisas das razões espirituais; e que isto, por si só, já representa melhoras.

O Nestor voltou a falar:

— Caro irmão, estamos tão alegres com a sua nova posição emocional, que...

— Não, você está enganado. Coloque isto em posição intelectual. As cargas emocionais que ainda fazem parte de meu todo pesam muito em minhas condições. Estou carente. Preciso de trabalho, mas daquilo que foi meu e representava a minha própria atividade.

- Meu irmão. Isto não mais acontecerá. Se voltar a antiga posição de general, nessas condições espirituais que vinha nutrindo, dono de um comando e com bastante poder, o processo de equilíbrio do seu espírito não se efetuará. Voltará à posição dos desmandos e da exigência daqueles que desejam orientação forte e segura, porém em suas próprias faixas destoantes. Terá de entender que este passado não mais deve fazer parte da posição presente. Os seus pensamentos precisam estar acolitados em novas emoções e sentimentos mais enobrecidos pela sua própria vontade.

Intercede o espírito comunicante:

— Aí está, doutor, toda a dificuldade. Não posso modificar a minha natureza, sinto que estou ainda bastante preso às «minhas necessidades»...

— Mas, com a ajuda do grupo e dos nossos amigos espirituais maiores, alcançará a possibilidade de reagir, a fim de perceber as claridades de uma nova trilha.

O espírito, sério, em posição correta, sem reação negativista, responde:

— Ah! Se eu pudesse... Se eu conseguisse entender e penetrar essas mensagens que vocês lêem no começo da reunião! Elas contêm algo de bom e creio mesmo de certo, mas não consigo penetrar a sua essência, porque as minhas condições emocionais são outras. Entendo-as como palavras, mas não consigo vê-las acesas no meu íntimo a impulsionar as minhas esperanças.

— Tudo virá a seu tempo, porém o importante é que já compreende e procura respeitar as proposições alheias. Todos somos filhos de Deus, qualquer que seja a nossa posição.

— Até eu – dizia o «general» – que me encontro nesta dificuldade e tenho coisas, na vida, pouco recomendáveis?

Enfatizava o doutrinador:

— Todos somos filhos de Deus e teremos imensas oportunidades para construir.

— Até eu que sou responsável por muitas destruições, mesmo que seja de modo indireto?

Responde o Nestor com seu aspecto sereno e seguro:

— Os que destroem necessitam de construir; não alcançarão felicidade plena se não neutralizarem as negatividades que consigo carregam. Somente os potenciais positivos no bem representam o combustível ideal para o deslocamento, céu acima. ..

Pela maneira como se comportava o espírito do «general», pelo jeito que o médium mostrava sob sua influência, já se notava tendências para uma nova vida, para uma nova posição. Dava mesmo a impressão de desejar esquecer o passado, mas, percebia-se o seu receio, o receio de trilhar um novo caminho, desconhecido e, possivelmente, mais difícil.

Ele, o espírito, não confessava essa situação, mas, pela atitude, o diálogo e o modo de demonstrar as suas emoções, concluíam-se que a dúvida já era tônica sonante em sua alma ainda aflita e preocupada. O toque das forças espirituais construtivas o tinha alcançado. O seu diálogo era mais sereno, a sua posição já admitia ouvir, entender e talvez seguir um conselho.

Esse era precisamente o momento de dar-lhe incentivo e amor. O Nestor reforçava o diálogo, com equilíbrio e sem ideias contundentes:

— Caro irmão, a sua hora chegou. Não desista; encontra-se na posição exata de mudar de estrada. Faça-o com a coragem de um general corajoso e o destemor de um

filho de Deus. Não desista. Avance. Esforce-se e saiba buscar a paz que tanto almeja. Não titubeie. Vale a pena uma nova experiência, principalmente quando a anterior não foi a mais adequada para nós. Se ainda está indeciso, observe o nosso grupo, esses humildes e despreziosos trabalhadores, pessoas simples e que, de tão simples, são considerados sem importância. Observe se algum de nós está com a mente em desalinho, em guerra com alguma ideia ou mesmo carregando alguma deficiência emocional. É claro que poderá perceber com auxílio dos orientadores espirituais do grupo. Eles, temos certeza, permitirão tal evento...

Pequeno interregno; o Nestor voltou, a falar:

— Preferirias estar na nossa posição de laborador da Doutrina Espírita, tentando vivenciar o cristianismo, procurando oferecer um trabalho qualitativo e dignificante ou continuar na sua antiga posição cercado de aflições, guerras, mortes, destruição e desencantos?

O espírito, incorporado no médium, nada responde. Baixa a cabeça e uma perdida e isolada lágrima escapa-lhe pela face, denotando, neste momento, que os seus sentimentos já não eram os mesmos. Levanta a cabeça e dirige-se ao grupo que o escutava:

— Hoje, melhor entendi algumas coisas, mas, comigo carrego fatos imensos e pesados que necessito a eles me referir. Como a nossa conversa terá continuação, e pelo tempo que aqui estivemos e que se acha esgotado, segundo nos informa um orientador (espiritual), agora teremos que encerrá-la. Voltarei. Precisamos conversar e esclarecer certos pontos. Boa noite amigos.

Assim, ficou encerrado aquele diálogo, que se tornará cada vez mais interessante. Por certo, em semana próxima, teremos outros assuntos a serem comentados por uma alma mais compreensiva e mais atenciosa. Pela primeira vez despedia-se tratando-nos como amigos. O diálogo foi proveitoso e penetrante no psiquismo do comunicante.

Notava-se a mudança do espírito em aceitar toda a situação como estava sendo desenvolvida.

Ao terminar a reunião comentava o Nestor com os companheiros de grupo de trabalho:

— Os orientadores espirituais são bastante sábios. Quando nos trazem um espírito a doutrinação, para os devidos entendimentos, é quase certo que as probabilidades de esclarecimento são totais. Os espíritos que vivem chafurdados no mal e na desarmonia, algumas vezes estão cansados de tudo: ansiedades, intranquilidades, insatisfações e tantas outras posições negativas; desejam mudar. É uma espécie de íntimo impulso propiciando a maturação da própria vivência. O ser assim maturado e principalmente ativado pelo processo doloroso, deseja deslocar-se, não sabe para onde, mas necessita caminhar. Alguns, com certa coragem, tomam a iniciativa e rompem as armilhas de seu próprio círculo; outros tantos aguardam alguém que lhes oriente, alguém que lhes mostre um novo caminho.

Por isso, a maioria dos espíritos que chegam às sessões de desobsessão já se encontram com tendências a aceitar certas transformações, embora reagindo; são crianças espirituais com receio de se integrarem a um novo destino. Necessitam de ajuda e de amor desprezioso. Claro que existem casos difíceis, de demorado atendimento.

O tempo é grande fator na iluminação dos homens. Não só o mundo espiritual está interessado no empreendimento do esclarecimento, mas, também, os encarnados. Temos que preparar gerações morais para o futuro e este gesto exige esforço, trabalho em conjunto, disciplina e harmonia. A educação para a humanidade é a condição de libertação de todos os tipos de escravidão.

Cada qual, a seu tempo, sem privilégios, buscará a imortalidade com a sua imortalidade e sempre se situando ao lado dos que lhes são afins.

O espírito do «general» passou a ser personagem permanente de nossas sessões. Quantas vezes seriam necessárias a sua presença, com as suas próprias informações, a fim de que houvesse uma solução para o caso? Quantas entrevistas se fariam efetivas para que o trabalho espiritual propiciasse o resultado almejado?

Apesar de tudo isso, a presença desse espírito seria lembrada em qualquer tempo por não ser um espírito revoltado e doente, que se faz, por princípio, inimigo da humanidade, imantado de forças negativas avassaladoras, sem qualquer análise ou raciocínio, visando exclusivamente a destruição. Muito ao contrário, era um espírito necessitado por ser egoísta e carente pelo seu traço dominante; porém, inteligente a ponto de aceitar as verdades, mesmo comprometendo a sua estrutura psicológica. Defendia os seus pontos de vista, de caráter rígido, não utilizando a mentira nem o deboche como armas que caracterizam os fracos e desqualificados. Sentia a necessidade de ser ajudado, porquanto compreendia a existência de um novo ângulo espiritual, mas tinha dificuldades em aceitá-lo e incorporá-lo. Entendia as posições psicológicas de valor para a vida do homem, porém confessava-se impotente diante as suas próprias condições emocionais sedimentadas. Não era um fraco, mas, sim, um lutador que se encontrava em tortuosos caminhos, motivos que dificultavam a aceitação plena dos valores qualitativos da vida.

As forças espirituais do mal fazem bastante alarido, precipitam-se com todos os seus potenciais e, sem contemplação, vão danificando o que encontram a sua frente. Os que já entendem alguma coisa, embora, ainda, com dificuldades emocionais, estacionam como que procurando um conselho, uma trilha, um comando que lhes ofereça possibilidades de análise e participação de escolha; esse era, sem sombra de dúvidas, o caso do «general».

Os diálogos, as posições e demonstrações das mais íntimas atitudes e percepções, transferidas para a fisionomia do médium, já mostravam tendências de mudança de rota; não só isso, mas de encontrar um novo caminho a lhe permitir novas construções.

Durante a semana os elementos do grupo, alguns, pelas suas atividades laborativas, tinham oportunidades de se encontrarem. A conversa acabava versando sobre o espírito do «general» e qual seria seu último dia entre nós, isto é, com os elementos do grupo. Ficaria no mundo espiritual mais construtivo ajudando aos caídos, ao tempo em que se ergueria espiritualmente? Estaria ao lado dos seus antigos companheiros, conduzindo-os a novos valores? Ou seria afastado para desconhecidos lugares a preparar-se para futuras atividades neste nosso orbe?

Pouco sabemos de todas essas coisas. As razões espiri- « tuais que os espiritualistas podem alcançar, em trabalhos deste quilate, são bem reduzidas para termos uma visão mais especificada dos fatos dessa natureza. Mas, mesmo assim, o grupo tentava ter uma solução ou mesmo informação sobre o caso em apreço.

Na família do Nestor todos esses fatos eram conhecidos, principalmente da Marta que, em diálogos constantes com o marido, fazia-se ciente dos acontecimentos espirituais, pelo interesse que sempre tinha diante aos fatos dessa natureza.

Em plena conversa com o marido, assim se referia:

– Que coisa interessante a presença desse espírito nas sessões, de modo quase permanente, denotando uma finalidade expressiva. Pelo que você me conta, apesar da natural ausência de detalhes, sinto dentro de mim a importância desse evento. Será que o grupo, ou parte do mesmo, está comprometido com esse espírito?

Responde o Nestor:

Não acredito. Apenas é de nosso interesse ajudar, como espíritas; isto pode dar a impressão de haver maiores libações. Realmente existem, mais do que se possa imaginar, intensos relacionamentos entre, o mundo dos encarnados e dos desencarnados. A Doutrina Espírita tem mostrado, aos trabalhadores desta seara, quantos casos de interesse científico e quantas equações filosóficas e éticas estão sendo perdidas pelo descaso e pela incompreensão.

A Marta convivía com todas essas ideias e, nesta época, nem de perto lhe passava pela cabeça que daí há um mês estaria grávida, e de modo que transcendia as explicações da ciência.

A vida familiar, do Nestor e da Marta, corria de modo normal e sem incidentes de qualquer natureza. Todos caminhavam, com as naturais e necessárias lutas, tentando cumprir com os seus respectivos deveres; pai, mãe e filhos em trabalhos construtivos e bem lastreados no Culto Cristão semanal.

A atividade do pai, médico psiquiatra, exigia sempre uma dedicação mais específica pelo contacto diário e constante com mentes desordenadas e doentes. Mas, o médico jamais esquecia o seu interesse, quase incomum, ligado a fenomenologia mediúcnica nessas sessões de desobsessão, como também, uma espécie de responsabilidade que já possuía perante o espírito do «general».

Dizia para si mesmo: com certa ênfase e determinação: Como não ter interesse pelo necessitado inteligente e que procura entender os caminhos da vida! O necessitado, quando compreensivo, mais do que ninguém oferece campo ao entendimento e a simpatia dos que o observam. Cabe ao homem que despertou para o bem buscar, na fraternidade, os alicerces seguros que traduzem equilíbrio e bom senso; e, no característico silêncio dos que se dispõem a ajudar o próximo, a fraternidade desenvolve-se num despretenso amor.

Todo ser que observa e tira ilações, com equilíbrio, nos movimentos da vida, todo aquele que já orienta e constrói, como, também, todo aquele que já ama com renúncia e autêntico amor, tem um grande papel a desempenhar; e, para assim fazê-lo, deve tentar sempre e sobre todas as condições ultrapassar-se em seus métodos. Só avançaremos melhorando a nossa atenção, a nossa paciência e nossos valores morais. O que realmente conta é o esforço sincero entre os homens, buscando, no dia-a-dia, os laços e os elos que se vão formando pela perfeição moral, de modo a mostrar quanto uma minoria mais esclarecida influenciará a maioria ainda nas sombras. Um expressivo ato de amor, calcado em fé autêntica, poderá sanear no lodo os parasitas' e permitir a transformação dos vermes. As forças do bem representam um intenso foco de luz e, por mais distante que estejam, desbaratam as sombras por maiores que sejam.

Chegara o dia da reunião de desobsessão e o grupo, de modo firme e sincero, estava a postos para um novo encontro. Todos tinham em mira o espírito do «general nazista» e estavam certos da sua presença. Ele prometera dizer coisas que tinha necessidade de externar. É a necessidade que acompanha o indivíduo devedor e conhecedor de seus erros.

Para que iniciemos um novo caminho há necessidade de diminuirmos a imensa carga. O peso psicológico dos erros é bem grande para os que têm sentimentos mais pronunciados; nestes, existem uma íntima e sempre fervorosa vontade de descargas de tão pesados fardos. É na catarse desses símbolos incrustados, muitas vezes intensamente aderidos às estruturas espirituais, que se dá essa possibilidade representando um começo de libertação.

Contar os fatos, relatar sem medo os erros que nos sitiam os pensamentos, realmente não poderá ser o remédio definitivo, mas, já representa uma possibilidade de alívio pela diminuição da carga psicológica. Com esse gesto, se o indivíduo não procurar ocupar as estruturas psicológicas que foram esvaziadas pela catarse, com valores e potenciais construtivos, esses «espaços vazios do psiquismo» serão imediatamente locupletados com potenciais idênticos aos anteriores. Os sintomas se fazem, novamente, presentes; as vibrações deficientes ocupam, de imediato, a «zona vazia» por uma questão de atração e equilíbrio de energias.

Freud percebeu o valor da catarse, mas, ela por si só, não resolve os problemas; entretanto, os mesmos se desanuviam, ficam esclarecidos e mesmo resolvidos, quando existe a substituição psicológica positiva que as realizações no bem podem propiciar. É claro que existirão proporcionalidade entre os fatores energéticos que trafegam na psique.

Ligando os fatos, ao que se observa com as obsessões espirituais, averiguamos e notificamos que os espíritos de mente em desalinho, comumente denominados de obsessores pela sua influência daninha com determinado ser encarnado, quando afastados pela atuação de um grupo que trabalha nessas especificações de mediunidade, o obsediado se não colocar o trabalho construtivo, o bem, a fraternidade, nesses espaços que foram esvaziados pela influência de espíritos bondosos, mesmo que o obsessor tenha sido afastado, outro elemento negativo logo ocupará a mesma faixa com resultados idênticos ou piores ao anterior.

O espírito do ex-oficial nazista compareceu a quarta sessão consecutiva. Como sempre, incorpora no mesmo médium e no momento adequado. Não se nota grandes mudanças; a sua atitude parece quase a mesma, entretanto, a sua fisionomia denota seriedade, com laivos de preocupação.

O Nestor logo dirige-se, de modo cordato, afetuoso e mesmo com certa intimidade:

- Então, como vai o nosso irmão? Passou bem esta última semana? Algo a nos dizer para auxiliá-lo?

- Caro doutor, estive no mesmo lugar; tem parecência com hospital, mas não o é. É lugar de repouso com auxiliares adestrados e responsáveis: sabem amparar e conduzir os que se encontram em dificuldades. Eles apenas respondem, com jeito e evasivas, as nossas perguntas mais indiscretas, dizendo-se incapazes e que são apenas ajudantes. Acho que não têm ordem para maiores informações, de modo, indiscriminado, a todas as perguntas, pois são auxiliares bastante coerentes em suas respectivas maneiras de agir. Disse-ram-me que havia necessidade de novo encontro com o grupo dos encarnados a que estamos ligados, para novas conversações. Não percebi o modo como fui trazido até aqui, neste recinto. Acredito que não viemos de longe; seria um posto onde pudéssemos descansar e aguardar as nossas entrevistas.

O Nestor, com atenção e acompanhando o desenrolar do: acontecimentos, pergunta:

- Que local será este que lhe deu abrigo? Exclusivamente de espíritos, como você? Existiam, também, orientadores mais categorizados?

- Não, é um grupo de espíritos, necessitados como eu, atenciosamente atendidos pelos auxiliares (é como eles se chamam) e que, num determinado momento, aparecem orientadores mostrando-nos caminhos e trilhas que

representarão libertação. .. Além disso, não pude perceber mais nada; creio que sou um espírito fraco com muito pouca penetração.

- O caro irmão ficou de conversar conosco, a fim de livrar-se de coisas que o estão afligindo.

- Caro doutor; é o passado. Hoje me encontro com melhores possibilidades de reviver essas cenas, embora sentindo que não me farão bem lembrá-las. É como se eu tivesse sendo flagelado pelas mesmas, porém com imperiosa necessidade de livrar-me delas. São coisas difíceis. Um orientador espiritual presente nos informa de que este será o único meio de abirmos as comportas da alma.

O Nestor, neste interessante diálogo, procurava ser bondoso e ouvir com atenção o comunicante. Interpelava-o:

- Quem sabe se o companheiro procurasse falar não ejetaria grande parte desse peso emocional que não lhe está fazendo bem ?

- Doutor, a sala está reduzida, praticamente, a vocês encarnados e alguns espíritos que dirigem a organização. Aquele bando de espíritos que aqui se encontrava como que se ausentaram! O que significará tal fato?

Acho que já existe o ambiente propício, a fim de que possa falar de suas dificuldades ou mesmo daquilo que considere justo.

- É um bom alvitre esse. Será que estão nos facilitando a possibilidade de termos uma reduzida assistência? Parece existir muita bondade nos personagens espirituais. Tenho percebido, aqui no mundo dos espíritos, a diferença de tratamento e a atenção dedicada aos mais necessitados; diferença de tratamento em se comparando com o mundo que deixei quase no final da guerra.

O espírito, incorporado no médium, faz pequena pausa, em sua exposição, reiniciando as informações:

- Em nossa Alemanha a intensa exigência e obediência, obrigava ao grupo dominante exercer uma disciplina despida quase que integralmente de tolerância e amor. O visado, aquele que tinha caído em desgraça, era tratado de modo jamais recomendado ao ser humano. O homem que estivesse em dívida, de qualquer natureza, com o Estado, coberto ou não de razões, era um deserdado da sorte, um pária, aguardando severas punições. Aqui no mundo espiritual, onde naturalmente me encontro, tenho tido intensas provas de dedicação e respeito; contando, também, com grupos humanos, dos quais vocês fazem parte. Tenho notado que vocês, através da tolerância e do amor, mostram caminhos para os caídos e decaídos. Também já sei que, apesar de tudo, cada um será responsável pelo que fez e semeou. Lembro-me quando tinha criado a pequena colônia espiritual, nas nossas características nazistas, e que hoje bem avalio em que sombras nos abrigávamos; lá, como já disse, fui o comandante para não ser comandado. Todo o grupo funcionava nas bases disciplinares nazistas, não havendo grandes contemplos. Hoje compreendo que muitas ordens são cumpridas pelo temor e pelo medo; era o nosso caso. A região onde nos encontramos, no momento, as ordens são cumpridas pelo entendimento e pela influência do amor. A diferença é imensa. Devemos obedecer a uma lei que nos traga equilíbrio e harmonia; a obediência pelo medo acarreta revolta e desamor. Estou chegando a conclusão de que só os que amam podem encontrar felicidade. Compreendem, agora, o meu erro?

Achega-se o Nestor, com afeto e lhanza de trato, ao médium que estava incorporado e abrigando, temporariamente, a estrutura espiritual do «general», e pergunta:

- Sabemos, pelas suas afirmações, que foi um general nazista, mas desconhecemos o erro exato, a causa determinante daquilo que tem como «peso de consciência».

- Explico-me melhor: fui figura de projeção no Estado Maior alemão e sou responsável por inúmeros planos de ataque e defesa, muitos dos quais foram postos em execução nesta última guerra. Mas, faço questão de frisar: sempre fui um soldado honesto, cômico de meus deveres, disciplinado e um profundo patriota. Amei a Alemanha e continuo a amá-la. Reconheço, também, a existência dos mal intencionados que fizeram parte da organização política que dominava e comandava a minha pátria.

O espírito fez uma pequena pausa em seu relato, coincidindo com a expectativa geral reinante no ambiente. O ambiente, traduzia um certo estado de ansiedade, onde, o grupo atento e retraído, aguardava a continuidade daquele relato, sem representar uma ansiedade doentia. Os membros do grupo, os encarnados, procuravam auxiliar as forças do espírito comunicante, com preces e vibrações construtivas.

Prosseguia o espírito com seu relato:

- Como disse, sempre fui um soldado honesto e continuo a ser um espírito, igualmente, honesto dentro da posição em que me encontro e posso avaliar. Desde a primeira guerra europeia (1914-1918) já era oficial de carreira na minha pátria; a fiz de tenente a major. Perdemos a guerra; o título de major pouco valia naqueles tumultuosos dias. Subsisti e voltei a maiores atividades no exército quando houve o movimento de organização das forças armadas alemãs; Continuei a seguir o roteiro de soldado correto e honesto para com a pátria. A nossa pátria tinha sido vilipendiada com os tratados de guerra, e o soerguimento da Alemanha representava uma aspiração nacional. Particpei,, sem me filiar, diretamente, a partidos políticos. Mergulhei nos eventos da segunda grande guerra (1939-1945) e cheguei ao generalato; participei de batalhas e conquistas, alcancei o respeito dos meus pares de farda e, como marechal, a apreciação do povo alemão. Agora, aqui, desejo que o marechal seja o ontem; o hoje, que seja para alguém desejoso de acertar num caminho niais ditoso. . .

Quando o homem encontra uma nova trilha pelo raciocínio e conhecimento e sedimenta esta posição no arrependimento, com o abandono total das atitudes menos felizes do passado, transforma-se em novo ser, pelos novos impulsos e vontades positivas que lhe darão forças para prosseguir.

A atitude do «general», filtrada pelo médium, denotava arrependimento e recolhimento, condições que demarcam a vontade de uma nova construção. Comove-se o espírito, lágrimas descem pela face austera e novamente nos fala:

– Voltarei para dizer ainda mais. Necessito extravasar com vocês, um grupo simples de despreziosos amigos. . . Boa noite.

- 13 -

Uma semana se passou e os componentes da reunião aguardavam novos encontros. Na última entrevista, de quase uma hora de duração, o espírito do «general» mostrou-se ainda mais do que nas entrevistas anteriores. Começou a despir-se psicologicamente. Foi bastante visível a sua tendência de melhorar; estava a procurar caminhos mais seguros que lhe propiciassem paz. Já sentia os erros, mesmo como militar, a que foi levado diante os companheiros e fatos de uma guerra.

Seu arrependimento era inconteste; já não existia a empáfia do guerreiro, nem a vaidade do homem conquistador.

Em conversa informal, perguntava o Nestor ao grupo ainda fora da sala de reuniões:

— Que acham de tudo isso? E o nosso médium que vem recebendo o «general» o que tem a dizer ?

O Edson, sempre preocupado com a mediunidade, suas razões e respectivos efeitos no contexto da própria vida, não se fez de rogado:

— O espírito do nosso «general» melhorou bastante de atitudes, considerando da primeira entrevista até o dia de hoje. Nesses encontros mediúnicos fomos sentindo as vibrações, cada vez menos agressivas, isto é, houve uma melhora acentuada do campo espiritual do comunicante, denotando que, em nenhuma das vezes, deixou de haver progressos. À medida que os encontros mediúnicos iam se dando, realmente o campo mental do espírito apresentava, melhoras, perfeitamente por nós anotadas. O que posso dizer é que o «general» está sendo bem atendido e colhendo bons resultados.

Nas sessões de desobses são, muitas vezes, somente a incorporação do necessitado no médium, sem oportunidade de uma doutrinação mais efetiva, inundando as vibrações de todo o grupo, determinando sensíveis melhoras.

Continua o medianeiro a sua narração:

— Intriga-nos, também, o porquê de todas essas entrevistas. Pela nossa pequena experiência o espírito já se encontra em condições de aceitar um mundo mais positivo; inclusive já entendeu os motivos de suas quedas e os mecanismos que propiciam as ascensões espirituais. Percebo que ainda teremos várias entrevistas; isto representa um verdadeiro preparo. Para que? Que finalidade deve ser alcançada? Será que saberemos a estrutura de toda essa motivação?

Outros componentes do grupo intervêm em pequenos comentários e o Nestor emite a sua opinião:

— Acho que o nosso «general», por acréscimo de misericórdia, está sendo preparado para a reencarnação. Deve existir algum fator em sua vida que mereça esta atenção espiritual. O «general» deve ter algum ou alguns fatores positivos que possam credenciá-lo a tais cuidados preparatórios. Os cuidados existem, são patentes e estão ligados a algum fato, mesmo que desconhecemos as suas causas e as razões da equipe espiritual atuante. Não importa conjecturas e enredamentos nos palpites. Aguardemos os resultados. Os futuros encontros nos mostrarão como as coisas se processam.

Os componentes da sessão palpiteavam, mas sentiam que o mais ajustado era aguardar; e por mais que se mostrassem naturais e sem preferências, entre uma reunião e outra, sempre aguardavam a presença do «general». O grupo estava tocado pelo seu drama pregresso e quais os novos caminhos que lhe estavam destinados; claro que seriam posições construtivas, mas, em que terreno, em que atividade. . .

O «general» passou a ser, para o grupo, um conhecido, um amigo, que saiba respeitar as finalidades das reuniões e era por todos acatado e respeitado.

Respeitar as pessoas e reverenciá-las é um dever do ser humano; embora, todos saibamos da multidão de médiocres que procedem de modo diverso – estes não alcançaram ainda o grau de compreensão necessário; o homem ao reverenciar o seu semelhante e qualquer ser vivo engrandece-se e avança no processo evolutivo. A mediocridade está a representar um imenso brazeiro que atinge a massa despreparada e sem idéias formadas; em todo mediocre há sempre uma tragédia que se reflete na ausência de compreensão de um ato nobre e digno; quando o mediocre descobre pelo que passou, pela oportunidade que deixou de realizar, sofre a grande dor da sua inexperiência.

Os valores humanos estão sempre equacionados positivamente nas asas do bem. Fugir às atitudes do bem é descambar no desequilíbrio e viver ao lado do crime; afastar-se da ordem e disciplina é conviver com a desarmonia e a ausência de paz. Somente na busca de um espiritualismo sadio, quer seja na faixa da filosofia, da ética, da arte ou da ciência, é que o homem pode acalmar-se e preencher-se. Nas zonas mais baixas, as ansiedades de todo momento; nas zonas superiores, os

gratificantes anseios. Em plano inferior as aflições, em plano superior a calma e a harmonia. Quando em baixo, nas posições menos felizes, o entusiasmo sem lastro toca o homem, ‘ mesmo que seja um embuste, ele prefere à verdade. Isto representa que a ajuda e o auxílio só poderão ser dados aos que realmente desejam; aqueles que nada querem ou repudiam os movimentos fraternos, só nos resta amá-los.

O «nosso general» (já o tínhamos como nosso, emocionalmente; já pertencia ao círculo de trabalho mediúnico) já de tudo isso sabia. Tinha, diante a sua situação de espírito, o conhecimento do que o trabalho na faixa positiva pode representar para a vida de alguém. O Nestor diante toda essa conversa que sempre continuava, a respeito do «general», manifestava-se:

– O bem é a meta do homem. Com a nossa inteligência poderemos divisar os degraus da evolução e sua escalada ascensional; os espíritos que já raciocinam com a finalidade da vida sentem que o combustível ideal, para essa caminhada, só poderá ser o bem sob qualquer de seus aspectos. A bandeira da fraternidade deve sempre estar desfraldada. A fraternidade, como virtude das virtudes, constitui a viga mestra onde se assentará a construção das consciências ditosas.

O grupo, com esses devaneios, procurava integrar-se nas vibrações positivas que alimentariam a reunião da noite. Daí, há alguns momentos teria início a reunião. Os participantes acomodados em seus respectivos lugares obedeciam, com alegria e bem estar, a programação.

Todos se perguntavam, com o olhar: será que o nosso «general» estará presente? Por já ter participado de quatro reuniões consecutivas e ocupado a maior parte do tempo, era de esperar-se que o espírito do «general» estaria presente para novas informações do seu passado; pelo menos, essa era a disposição do espírito revelaria em sessão anterior.

A mesma orientação de sempre; a juvece de abertura da reunião. O espírito orientador concita a todos os participantes um esforço constante no sentido de desenvolver bons pensamentos e a vigilância nas atitudes, porquanto, somos sempre observados pelos espíritos necessitados que devem ser doutrinados e alertados. Como ter força moral e servir de exemplo se os nossos atos não forem condizentes com (. bem e a ordem ?

De modo bondoso, prosseguia o espírito orientador:

— Aqueles que escolheram o caminho ajustado, que procuram acertar e que aceitaram o pensamento de Jesus, não mais fogem e se ocultam diante a bandeira do bem em desenvolvimento. Poderão sofrer, aqui e ali, mas nunca serão abandonados e relegados à própria sorte. Quem já penetrou e sentiu os eflúvios vibracionais da essência do cristianismo deseja vivenciá-lo – é a cristianização em ação; e, no movimento dessa vivência adquirirá, a pouco e pouco, a própria libertação pelo processo de cristificação. Tudo isso, a representar a nossa meta, o nosso inabalável alvo.

Pronunciava ainda, o orientador espiritual, em conclusão a informação:

— Preparemo-nos, com todas as nossas forças psicológicas e com os nossos mais dignificantes e construtivos pensamentos, para o trabalho de sempre.

Desincorpora, o amigo espiritual e orientador, com suavidade, do médium Anibal que sempre lhe servia de mediano.

O grupo, atencioso, aguardava as comunicações e, mais uma vez, manifesta-se o espírito do «general» no médium costumeiro, o Edson. Inicia-se o diálogo:

— Meus amigos, permita que assim os trate, aqui novamente estou, para mais uma entrevista, sem prevenções de nossa parte.

A atitude do espírito denotava humildade. Mostrava-se sério, sisudo e pelo aspecto do médium; que bem o absorvia na incorporação, deixava transparecer preocupações.

O Nestor, com o seu jeito alegre, coloca o espírito mais à vontade, pelas palavras afetuosas e amigas:

— Meu irmão quero dizer-lhe que está em casa, sinta-se bem recebido por todos, deixe as preocupações e tensões que não levam a coisa alguma. Oremos juntos, para que o nosso ambiente seja de paz e tranquilidade, a fim de termos a desejada proteção

de nossos irmãos maiores.

Após a prece o espírito comunicante, contrito em sua atitude, mais uma vez derrama algumas lágrimas e procura falar:

— Meus amigos; aqui estou pela quinta vez; nas duas últimas vezes, chorei... Há quanto tempo não o fazia; há quanto tempo estava reprimido pelo egoísmo, por um temporário poder, por uma posição de generalato que desejo esquecer, pois, nela, não encontrei felicidade. As lágrimas que derramei, embora pequenas, representaram um grande bálsamo para as minhas emoções. Sinto-me mais forte, mais bem preparado no sentido de entender e absorver as idéias em nosso encontro.

Como que fazendo pequena pausa, sem mudar a posição do corpo, prosseguiu:

— No início estava bastante desconfiado com todos vocês do grupo. Como não pensar assim, se fui trazido pela primeira vez, de forma compulsória, como bem conhecem, para ser auxiliado. Dizia para mim mesmo; isto tem coisa! O que esta gente está querendo! Até onde me comprometerei com este grupo e o que eles exigirão! Realmente, não percebia ainda o que é trabalhar em nome do bem e cumprir com o dever de reverência para com o próprio companheiro de jornada. Estava tão longe de tudo isso e só procurava perceber as vantagens imediatistas dos nossos encontros.

Mudou de posição, sem grandes movimentos, e após profunda inspiração acentuava:

— Meus amigos, não sou mais aquele militar prepotente que exigia obediência, disciplina espartana e acatamento, sem discussões, das minhas ordens. Todo esse tempo, entre os nossos encontros, foram de esclarecimentos sobre a vida espiritual e muitas outras coisas que passei a compreender. Hoje, sei também, que cada ser se encontra na posição que conquistou com as suas próprias experiências e méritos; ninguém jamais lhe tirará essa conquista; não é efêmera; é total e merecida. Algum dia saberei lutar em busca de novos valores do espírito. Por enquanto... aguardo o que me está reservado...

O espírito baixa a cabeça e lágrimas copiosas definem as suas emoções; a face do médium mostra todo esse efeito.

Termina a sessão e todo o grupo entra em natural conversa sobre as razões do trabalho da noite e de outras mais. Referiam-se ao material de estudos, as orientações espirituais entremeadas de sorrisos e pequenas admoestações, o manancial de pesquisa e colheitas diversas que os preciosos minutos já tinham ofertado.

Os componentes do grupo retiravam-se para os respectivos lares.

O Nestor, já em contacto com a família, em conversa com a esposa sobre o quotidiano referia-se, também, às reuniões de desobsessão e aos diálogos que o espírito do «general» propiciara.

Dizia a Marta;

— Não há dúvidas que ele terá um novo caminho e, com as suas qualidades psicológicas, uma nova missão, talvez bem expressiva. Aliás, tenho a impressão que todos nós desejamos a sua felicidade numa trilha de trabalho absolutamente construtiva. Deus, dentro de sua justiça, oferece sempre o caminho de nossa própria libertação.

Os dias passavam naquela cidade do Rio de Janeiro, sem maiores dificuldades.

O Nestor, a Marta e os filhos viviam e lutavam com os impulsos positivos que carregavam e harmoniosamente nutridos pela Doutrina Espírita.

A felicidade daquela família estava no atacar a vida como ela se apresentava e nos parâmetros de suas próprias posições. Procuravam não dificultar as coisas, resolver os problemas que todo lar apresenta e não desejavam possuir objetos que estivessem acima de suas possibilidades. Claro que sonhavam com dias melhores, mas, aguardavam, sem inquietações, e sem reclamações, procurando no trabalho honesto essas aquisições.

Assim, iam adquirindo as coisas mais necessárias para a vida sem sofreguidão e sem ansiedades. Aceitavam o dia-a-dia como missão normal, natural e sem grandes esforços de renúncia. Mas, tudo isso, representava o reflexo da dona da casa.

A Marta, aquele espírito que por si só já era renúncia, mostrava os seus atos e serviços com a naturalidade e com a dignidade dos que realmente amam. Não havia

de sua parte renúncia premeditada a exigir esforço, mas o seu infinito amor distribuía esse feixe de renúncias como parte da sua própria natureza.

Tudo isso, era muito bem avaliado pelo Nestor. Sentia na companheira um autêntico e real sustentáculo para a vida da família: os sorrisos, os conselhos, as soluções de toda natureza, como também, o halo de simpatia que se esparzia nos corações da grei. Amava na companheira a totalidade dos anos que já se tinham escoados e que juntos venceram; desejava envelhecer ao seu lado, de mãos dadas, traduzindo o porquê das suas rugas, os cabelos brancos que ambos ajudaram a nascer e o cansaço da vida que só os que amam podem avaliar de modo positivo. Enfim, sentir na companheira todo o colorido que a vida conseguiu imprimir.

As pessoas mais idosas se necessitam; não são como os jovens que atravessam quase sempre impávidos as procelas da vida, um ao lado do outro, como se não existissem. Os mais maduros, nas vivências das tragédias, embora pareçam suportar com estoicismo, sofrem muito mais, emocionalmente, com os ventos que sopram de todos os lados.

O olhar da Marta representava uma espécie de tônica vibracional, onde o Nestor se afirmava e harmonizava-se com a vida. Quando a Marta perdia-se em olhar o infinito e voltava a realidade, o marido encontrava em suas atitudes e no fundo de seus significativos olhos, que sempre sorriam, a paz que sempre almejou.

Nas atividades espirituais anotamos que os espíritos mais evoluídos encontram-se em condições de seguras e boas ofertas aos que caminham com dificuldades ou tombam à margem da estrada da vida. Ajudar será sempre a tônica dos capacitados e dos que já entenderam a finalidade da vida; ajudar os que desejam, os que procuram auxílio. Os que negam, por motivos de natureza variável, qualquer ajuda, ainda não entenderam os motivos da evolução e as necessidades dos seres. Também, existem aqueles que não permitem e não dão motivos para serem ajudados; enclausuram-se em seus próprios envolvimento e fecham-se nas secreções emocionais de seus deletérios impulsos.

Nada existe para quem deixou de existir; os ociosos, os que tentam parar a vida, que não apresentam criações por menores que sejam, nem mesmo o cumprimento dos pequenos deveres, acabam esquecidos por terem parado no tempo. Somente um novo impulso, após grandes tormentos, pode fazê-los caminhar.

A semana passou célere como sói acontecer com os que trabalham e procuram realizar.

Os impulsos da alma devoram as horas e o trabalhador ajustado esquece que a vida está correndo, porém, mesmo que não anote, está adquirindo experiências e avançando na evolução; somente os ociosos param no tempo. O tempo real só poderá ser registrado em face as realizações. Mesmo as experiências negativas vão propiciando necessárias reações com as quais os despertamentos se vão dando; esse mecanismo da vida é autêntico e valoroso. Todos nós, sem qualquer exceção, galgaremos os degraus evolutivos com os frutos da nossa própria atividade: se negativos, as respostas coercitivas da lei acabam colocando os seres no caminho certo, se positivos, o avanço será expressivo.

E chegou novo dia de reunião, de trabalho construtivo ao lado da equipe espiritual conhecedora das propostas da vida.

À noite, na hora aprazada, o grupo, com todos os seus elementos, novamente reúne-se para mais uma jornada produtiva.

- 14 -

Em volta da mesa, o atencioso grupo recebeu a comunicação inicial do orientador espiritual, os seus conselhos, profundos como sempre, pensamentos construtivos e a solicitação de atenção e vigilância constantes em todas as atividades de trabalho.

De logo, o espírito do general incorpora, muito mais seguro que das outras vezes, assumindo a posição de informante:

— Hoje teremos tempo de falar sobre o que necessito. Muitos de vocês já perceberam o que vai me acontecer...

Com certa dose de preocupação afirma:

— Fui notificado, pela equipe espiritual, que devo reencarnar. E, o que é mais importante, devo aceitá-la de bom grado, sem preocupações ou qualquer revolta. Isto representará para mim um grande marco liberatório e que somente com o tempo poderei avaliar.

Por intermédio do médium que ocupava e aconchegando-se mais à borda da mesa, onde todos em volta se encontravam, o espírito afirmava de modo contudente:

— Estou mais do que preocupado. Estou apavorado...

Logo intervém o Nestor:

— Calma meu irmão. Antes de mais nada agradeçamos pela oportunidade. Sei que será um vencedor. Toda reencarnação é processo de experiência, mecanismo de avanço e libertação. Por que agora que lhe foi concedida esta oportunidade, a acentuada preocupação e um extravasamento emocional desse quilate? Caro amigo, creio que o processo se está desenvolvendo há tempos. Compete-lhe aceitá-lo e agradecerê-lo. É, realmente, oportunidade; a oportunidade de esquecer o passado e poder realizar, sem óbices ou aflições. Creio mesmo que terá um caminho a percorrer com as naturais influências do livre arbítrio.

— Meu chro doutor – acentua o espírito do «general» – estou compreendendo todas essas possibilidades, mas o que realmente me preocupa, e de modo intenso, é a minha reencarnação em face ao meu procedimento. Como sabem, isto já referimos, sou responsável por inúmeros planos utilizados pelo Estado Maior das forças alemãs, na última guerra. Também, como comandante, dei ordens e participei de algumas batalhas. Os mortos são muitos...

O doutrinador diante tal exposição asseverava:

— Meu irmão, esta reencarnação é remissão. O que aconteceu de importante na sua vida como general alemão? Existe algo que o está credenciando num cuidadoso preparo, onde as nossas entrevistas de doutrinação representam muito pouco dentro desse processamento. Diria mesmo, que o mundo espiritual, com as nossas entrevistas, está ampliando o tempo para um ajustado preparo de seu processo reencarnatório.

O Nestor, como que percebendo algo intuitivamente, pergunta, de chofre, ao espírito:

— «General», como foi a sua última desencarnação? Foi após o término da guerra em combate? Houve sofrimento? Houve algo que representou algum estoicismo de sua parte?

O espírito, de modo bem ajustado, já conseguia transferir, através do médium, as suas emoções. Percebia-se a atitude característica para uma resposta sem rodeios, o que realmente veio:

— Permitam-me uma resposta mais longa por ser absolutamente necessário.

E, como quem toma uma nova atitude, prossegue:

— Quando desencadeou-se a última guerra, pelo meu posto de tenente-coronel tinha acesso ao Estado Maior alemão; meus trabalhos e planos anteriores permitiram que me tornasse um oficial superior respeitado pelos meus pares. Como soldado e reconhecido planejador apresentei imensas possibilidades, em planos múltiplos, e que, pela lógica e necessidades da posição alemã, foram aceitos, mesmo antes da guerra. O movimento psicológico do povo alemão, num processo reivindicatório histórico, era evidente. Isto difundiu-se e alcançou a totalidade da pátria. Pessoalmente, vimos e sentimos, na possibilidade de guerra, o caminho da nossa libertação e a Alemanha respeitada no concerto das nações. Está falando o patriota, o filho que viu de perto o vilipêndio da Alemanha após a guerra de 14 a 18. Seria essa a nossa oportunidade de mostrar ao mundo o valor da fibra germânica.

O espírito comunicante, apesar de pequeno intervalo, mostra-se disposto a continuar a sua narração:

— A esperada guerra, preparada nos bastidpres das chancelarias e ligada, principalmente, aos interesses económicos, desencadeou-se de modo sinistro com o bombardeio da Polónia. Foi o início da hecatombe. O meu trabalho, militarmente,

falando, era produtivo o que me valeu o posto de Coronel, e por termos tido sucessos militares em batalhas fora da Alemanha galguei, por merecimento, o posto de general. Neste posto é que comecei, após quase dois anos de guerra, a sentir e medir, com profundidade, a política germânica; era uma guerra principalmente de conquista, o que, particularmente, não aceitava, mas não tinha oportunidade, nem, tampouco, possibilidade de externar. A guerra prossegue e o meu sucesso militar torna-se notório, a ponto de, dentro de pouco tempo, ser considerado um dos heróis nacionais e mesmo respeitado pelos aliados, em suas referências, do outro lado da guerra.

Novo e pequeno intervalo do espírito, a fim de prosseguir e fazer-se ouvido:

Neste tempo galguei o posto de marechal e o livre acesso aos bastidores políticos dos dirigentes, com os quais discutíamos, às vezes de modo impetuoso. Eu era um militar exigente e objetivo e, mais ainda, observador. Percebia as fraquezas e as tibiezas de muitos dirigentes e o medo que tinham de contrariar a voz suprema da Alemanha. O meu desgosto aumentava, e que também já era de muitos companheiros de farda. Iniciamos reuniões com colegas de altas patentes para depor o dirigente, o qual não representava mais o salvador, mas, sim, o destruidor de nossa pátria. As minhas aflições tiveram início, não por medo, mas para livrarmos a Alemanha de uma destruição e retaliação totais; todo cuidado era pouco. O grupo que conspirava teria condições de levar até ao fim as suas determinações? Essa era a nossa maior preocupação. Os homens sem fibra e sob pressão quase sempre tornam-se delatores, por um suposto processo de segurança pessoal que acaba sendo a própria perdição.

O espírito, ajustando-se emocionalmente, mais uma vez prossegue:

- Alguns atentados praticados contra o chefe da nação foram improfícuos. A vigilância aumentava e o nosso grupo que conspirava, a fim de livrar a Alemanha daquele delírio guerreiro onde não existia mais nenhum sentido, foi descoberto. O chefe, imediatamente, providenciou a eliminação dos conspiradores.

O espírito, procurando nova posição psicológica, prosseguiu:

- Passei pelo sacrifício do suicídio imposto. A minha morte foi anunciada como a de um herói nacional, a fim de não turvar o bloco militar alemão. Poderia dizer, numa apreciação humana, que o meu enterro foi suntuoso- pelo que fui posteriormente informado. Tive homenagens de toda ordem, participando a família dessa farsa, pois a minha esposa tudo sabia. Mesmo que ela procurasse difundir a conspiração, tudo morreria no nascedouro, pela eficiente máquina da propaganda germânica. A família aceitando obrigatoriamente essa situação, muito mais difícil em tempo de guerra, não seriam atingidos pela perseguição; solicitei de todos eles, antes do meu obrigatório desencarne, que assim procedessem. Fui obedecido e não me arrependo de ter tomado essas diretrizes; eles jamais deveriam participar daquilo que era de minha inteira responsabilidade. Pelo desencarne fui arremessado à zona das minhas afinidades e, a pouco e pouco, me fui tornando comandante no meu mundo espiritual, cuja história vocês já conhecem.

O silêncio na reunião atingia o seu ponto máximo. Todos quietos e acompanhando o relato do fgeneral» com inusitado interesse, quando o doutrinador interfere:

- Meu caro irmão, quanto estamos participando das suas atividades pregressas, respeitando e entendendo os seus motivos. Mas, queremos dizer-lhe que o seu sacrifício, o seu desencarne propiciado pela «justiça dos guerreiros», sem dúvida, foi acatado pelo mundo espiritual. O amparo que está tendo até o momento, acreditamos teve origem no seu sacrifício. Se não houvesse algum mérito, se não houvesse um movimento positivo ligado à sua individualidade, claro que se encontraria em outra posição; possivelmente abandonado à sua própria sorte, no submundo espiritual, aguardando os efeitos cármicos da Lei, sem ajuda de qualquer natureza, ao menos nesta fase inicial que se segue a desencarnação. Esta é a nossa

sincera opinião. Peço licença para lhe perguntar; quem foi você, meu irmão, como general nazista?

- Tenho ordens severas – dizia o espírito – de não declinar o meu nome e com certa alegria, acato essas ordens, porquanto, pessoalmente, não gostaria de dizer quem fui. Por muitos motivos, segundo nossos orientadores espirituais, o meu nome legítimo não deve fazer parte desse relato, pois nada traria de construtivo para o grupo; porém, o mais importante é que devo ficar oculto diante a muitos dos meus pares, também desencarnados, e daqueles que causamos danos e dissabores, a fim de evitar agressões e vibrações negativas que possam atingir o processo reencarnatório ou mesmo prejudicar os meus dias futuros na terra, (piando no novo corpo. Dizem os orientadores que a minha missão terá que ser realizada com lutas, porém se as agressões externas forem intensas, principalmente nesta fase inicial da formação do corpo físico, nada conseguirei.

Obtemperou o Nestor:

- Realmente, assim deve ser e estamos compreendendo as razões de envolvimento que você está sendo alvo.
- Mas, meus amigos – referia-se o «general» – continuo preocupado com a minha reencarnação. Sei que fui agraciado dentro da Lei, porém a minha grande preocupação é a resposta dessa Lei, como uma reação, propiciando-me um corpo defeituoso e com severas limitações.

Imediatamente o Nestor toma a palavra:

- Não pense assim, nesta posição pré-reencarnatória em que você se encontra; não deve criar fulcros negativos deficientes, dentro de sua organização espiritual, pelos pensamentos destrutivos, porquanto pode criar um foco de monoidéia destoante no processo reencarnatório. Ademais, temos a considerar que todos vocês, na Alemanha, eram pratica mente materialistas, não tinham uma fé religiosa e muito menos entendimentos espirituais relativos ao fenômeno reencarnatório. Isto, dentro de todo esse processo, representa atenuante que a Grande Lei pode oferecer.

O doutrinador mudando de posição, em pé, aproxima-se mais à borda da mesa e bem junto ao médium que se achava em transe, há aproximadamente quarenta minutos, e, sem problemas de qualquer natureza, prossegue:

— Meu caro irmão solicitamos a sua colaboração emocional para que as preocupações desapareçam. A sua próxima reencarnação não pode nem deve ser prejudicada pelo seu psiquismo a irradiar negatividades e pessimismo. Mais uma vez desejo esclarecer que o seu desconhecimento das coisas do espírito, quando da sua última passagem na terra, é uma atenuante para que a Lei não se expresse com intensa carga. Os que já conhecem as razões do espírito são como que obrigados a ter maiores responsabilidades. Você viveu, como militar, mesmo graduado, dentro de uma sociedade praticamente materialista. As razões do espírito foram relegadas para um ínfimo e diminuto plano. Acredito que, em sua época, na Alemanha, poucos se interessavam por esses problemas.

O espírito comunicante assume uma atitude de quem deseja falar e logo expressa a sua opinião:

O que vou dizer a vocês talvez cause surpresa. Realmente, a Alemanha, em nossa época, defendeu e acatou o materialismo para tornar-se mais objetiva e encarar os fatos tal como são percebidos pelo homem; as verdades estavam relacionadas aos sentidos e as preocupações humanas. Mas, existiam núcleos de trabalhos e observações relativos a essa fenomenologia que chamávamos, com exclusividade, de parapsicológica e que participam de muitas dessas nuances das comunicações espirituais. Particpei de um desses núcleos, cuja finalidade estava ligada às investigações do psiquismo, embora tivéssemos mensagens e sutis orientações sobre a imortalidade. É claro que os espíritos comunicantes não podiam dar as conotações espirituais, mas, procuravam de modo jeitoso e lógico despertar o problema da finalidade da vida. Por isso, meus amigos, não estou tão despedido de responsabilidade. Eu conhecia o fenômeno mediúnico e o intercâmbio com os vivos-

mortos; é bem verdade sem as nuances construtivas como vocês desenvolvem o trabalho de fraternidade e de modo cristão. Mas, eu conhecia a existência desse processo e a minha responsabilidade é, deveras, bem maior do que parece.

Repetia o espírito, preocupado, mas cômico das reações da Lei;

— Acredito que responderei por muita coisa e não penso que terei um corpo sadio, talvez mais que a deformação física, a deformação do psiquismo pelas limitações da zona nervosa material. Já estou percebendo a força da Lei nas consequências do Espírito.

Intervém o Nestor:

— Caro companheiro, responda-me: se você conhecia o processamento mediúnico pela participação de muitas sessões, se você conhecia o intercâmbio entre os dois mundos e se você conhecia a imortalidade; com o seu lógico raciocínio devia ter tirado conclusões da existência de uma Lei, sem privilégios, alcançando a todos os seres. Por que não adotou as medidas para não infringir a Lei? Ou mesmo, por que não procurou outros caminhos?

— Caro doutor: quando se está pesquisando e vivendo envolto em extrema vaidade – era o meu caso como oficial de «elite» – acreditamos que somos pessoas especiais à parte da Lei e só uma vontade, só um pensamento ocupava o meu psiquismo: chegar na frente da Lei. Não tenho outra explicação. Como vêem, quanta vaidade intelectual e, conseqüentemente, quanto desequilíbrio em meu espírito...

O espírito comunicante arrasta, por intermédio do médium, com certa delicadeza, a cadeira onde se encontrava e com a cabeça entre as mãos e, já aos prantos, fala:

— Tenham pena de mim. Não consigo suportar a idéia de um corpo deformado e uma zona consciente desaparelhada. ..

Todo esse diálogo comovido alcançou cerca de uma hora. A reunião estava no final e havia muito por dizer e esclarecer .

O Nestor assume a palavra e com as características de prece, emitiu conselhos e solicitou do Senhor da Vida com preensão e entendimentos para todos e, de modo todo especial, para o espírito do «general».

A sessão foi encerrada sob aquele impacto emocional e tão espontâneo.

- 15 -

Todo esse drama comoveu intensamente os componentes do grupo. Os companheiros encarnados encontravam-se penalizados à saída da sessão. O nosso «general» tornara-se uma entidade que, pelos entendimentos e diálogos, estava envolvida em forte pensamento de auxílio por parte dos elementos pertencentes a sessão.

Perguntavam uns aos outros: o que devemos fazer por esta entidade? Terá o caminho cármico que revelou? Haverá alguma possibilidade de auxílio?

O médium Anibal intervém e diz:

— Temos uma semana, até a volta do espírito, para inundá-lo de preces, solicitar ajuda e amparo.

Alguém comenta:

— E se este foi o último contacto do espírito do «general» com o grupo?

O Nestor envolve-se no diálogo:

Não acredito que os nossos encontros tenham terminado. A despedida foi rápida e abrupta. Os sentimentos do nosso «general» estavam em franco desagúe. Ele voltará mais cômico ainda de sua situação e nos dirá alguma coisa. Além do mais, o que está dizendo é conclusão de seu próprio raciocínio, pelo que tem visto, sentido e participado no mundo espiritual. Será, realmente, a sua reencarnação revestida de defeitos físicos e psíquicos? O «general», durante todo esse tempo que

se vem mostrando nas nossas reuniões, ao lado de suas horas bem maiores na zona espiritual em que se encontra aprendendo e despertando para as verdades, está bastante preocupado, o que faz ampliar o seu pessimismo. Nenhum de nós tem dúvidas dos seus erros, mas será que não existiriam outras possibilidades além daquela que o nosso «general» tomou como definitiva? Tenhamos calma, oremos e solicitemos do plano maior uma possibilidade mais amena de cumprimento da Lei...

Ainda o doutrinador se fez ouvir fora da sala de reuniões, no jardim do Centro Espírita onde o grupo desenvolvia as suas atividades. Os companheiros aconchegados debaixo de um abacateiro, em floração, ouviam com carinho a conversa filtrada no arvoredado amigo como se fossem as «falas» e «sinfonias» das estrelas para a nossa Terra, nesta gleba ainda tão necessitada de educação e aprimoramento:

— A vida se nos apresenta de modo contínuo; ora estamos encarnados, ora desencarnados. Os que se afastam pela morte do corpo físico, como, também, os que se apresentam na crosta sob processo reencarnatório, não sofrem mergulhos sem sentido na dimensão a que foram projetados. Tanto numa faixa como na outra encontrarão organizações, instituições e orientadores, porém de acordo com os próprios valores individuais; cada indivíduo encontra-se na posição que lhe é afim dentro do plano cósmico. Desse modo, muitas e infinitas serão as situações a que o ser estará subordinado e, como tal, às múltiplas reações que a Lei maior pode mostrar. Sendo muitos os caminhos da construção, muitas serão as possibilidades.

Com essa pequena injeção de otimismo os componentes do grupo mostravam-se mais alegres, sentindo que as possibilidades do «general» poderiam ser muitas, como já tinha acontecido a outros espíritos doutrinados no grupo e que, anos depois, apareciam para agradecer a ajuda de que tinham sido alvos. Pela atitude dos componentes da reunião percebia-se que já gostavam do «general» e que tudo fariam para que o mesmo tivesse melhores condições na nova romagem.

Frisava o Nestor:

— Vamos envolver, durante esta semana, em nossas orações, o nosso irmão, a fim de que a equipe espiritual de trabalhos possa oferecer uma ajuda mais positiva, dentro das naturais oscilações da Lei. Deus é muito bom, por ser profundamente justo. O que não puder ser feito, segundo os nossos desejos e pensamentos, é porque não existirá outro caminho para a libertação do nosso «general». Deus é a própria Lei, onde nos encontramos mergulhados e onde cada qual perceberá as suas vibrações na faixa evolutiva que ocupa. Deus é pai de todos, encarnados e desencarnados, das criaturas imortais que, a pouco e pouco, descortinarão a seara da eternidade. . .

A conversa realmente estava construtiva e a maioria, com certo encanto otimista, manifestava-se diante os mecanismos da vida que podiam abordar e estavam a altura das suas respectivas compreensões e entendimentos.

O ambiente mostrava-se alegre, as folhas do abacateiro que abrigavam o grupo farfalhavam diante a brisa acariciante. As horas da noite avançavam e o grupo procurando regressar aos respectivos lares, ainda estava inundado pelo dever cumprido e reforçado nos impulsos de realização que os dias vindouros exigiriam.

O Nestor ao chegar no lar encontrou a Marta ainda acordada. Os dois juntos dialogavam sobre as coisas familiares e das necessidades a serem preenchidas. Além dos comentários caseiros a Marta lembrou-se do espírito do «general», perguntando se tinha se comunicado outra vez e como se encontrava. O esposo informa-lhe todas as nuances daquela noite, a respeito dos componentes do grupo e do referido espírito. Atenciosa e no momento oportuno acrescenta:

— Ao recolhermo-nos solicitemos ao Bom Deus, em nossas preces, rogativas em favor desse espírito, nesta fase reencarnatória, ainda pleno de dúvidas. Acho

que, apesar da sua situação espiritual, ele já está fazendo parte de todos nós; isto é, existe, realmente, um movimento de simpatia em torno de sua personalidade.

A hora do recolhimento do casal chegou e a Marta solicitou do Nestor que proferisse a prece, não esquecendo de incluir na rogativa o «general» que aguardava reencarnação.

O Nestor vindo de uma reunião espírita, onde os propósitos de ajuda mais uma vez se fizeram efetivos, encontrava-se com estado d'alma vibrando em posição construtiva e, com naturalidade, junta suas mãos às da esposa e de olhos a perder-se no infinito, roga:

Mestre da vida. Com a alma genuflexa ousamos enviar nossos pensamentos em busca de alento e harmonia. Na ânsia de encontrar a verdade solicitamos a devida permissão para trafegarmos na tua seara. Senhor: permita-nos forças para contrariar nossos próprios desejos, a fim de não intervirmos nos interesses alheios; permita-nos desenvolver a tolerância para com todos os seres, mesmo que atingidos por intempestivas reações; permita-nos o entendimento, a fim de sermos exigentes e disciplinados conosco e, no dia-a-dia, sabermos discernir e compreender as imperfeições que carregamos; permita-nos a aquisição da tranquilidade na avaliação, correção e burilamento de nossas deficiências causadas pelo medo e pela ignorância; permita-nos considerar os bens maiores na paciência e resignação, no aprimoramento e fortalecimento da nossa Fé; permita-nos desenvolver o Amor Fraternal com os nossos semelhantes e ajudando-nos a agir sempre dentro da Razão; permita-nos, Pai, mergulhar na Tua Paz, a fim de avaliarmos a nossa posição e tomarmos novas diretrizes com a segurança e o destemor dos que participam da Verdade...

O casal bem aconchegado em pensamentos e emoções, transfundindo vibrações de paz, mais uma vez, na palavra do Nestor, prossegue:

– Senhor e Pai, rogamos por todos nós, que a família terrena possa acordar diante a Tua Lei, procurar conduzir-se em trilhas seguras e nutrir-se nas máximas do Teu Evangelho de estrutura universalista; e os que chegam ou saem da Terra, nos movimentos de encarnação e desencarnação, possam encontrar o auxílio seguro às expensas dos teus embaixadores, nossos irmãos maiores. Que o espírito reencarnante do nosso «general», em contacto constante com o grupo da sessão de desobsessão, possa ser abrigado dentro dos mecanismos da Lei com reações que sejam bem entendidas e devidamente toleradas; que ele possa ter forças e impulsos ajustados ao contemplar o caminho que o aguarda. Que as Tuas bênçãos de paz possam ser percebidas pela humanidade. . . Que assim seja.

A prece antecedeu o sono de paz que o casal, habitualmente, era bafejado.

A brisa suave das forças construtivas da vida estão sempre envolvendo os seres; felizes dos que já percebem o movimento positivo dessas energias a indicar que o paraíso é o encontro do homem com a produção eficiente de seu harmônico trabalho. Todos trabalham; o mapa cósmico é um retrato de leis precisas e ajustadas em contínua ação. O Pai trabalha sem cessar fornecendo possibilidades imensas de Amor; também é certo que reduzida parte da humanidade compreende essa assertiva e, mais ainda, encontra-se sem possibilidades de perceber as vibrações que possam levá-la a um porto seguro. Dia virá em que, pelo movimento da própria evolução, tenha condições para equacionar todos esses propósitos .

Durante uma semana os membros da sessão de desobsessão e que estavam grandemente interessados no caso do espírito do «general» comentavam sobre a sua possível reencarnação. Interrogavam-se sobre as possibilidades das nuances reencarnatórias. Aconteceria o que o «general» pensava e tinha como certo? A

reencarnação seria naqueles parâmetros que a lógica descritiva do «general» tinha apresentado? Haveria possibilidade de ser outra a situação?

Parecia difícil, realmente, avaliar qual o desfecho de tudo aquilo. Os motivos que o «general» tinha apresentado eram bem fortes e o seu raciocínio, neste caso, foi construído dentro das suas próprias possibilidades perceptivas pelo contacto de forças espirituais que o cercavam. Mas, a esperança é sempre um grande fator, principalmente, no amparo das emoções em descrédito que muitas das vezes albergamos; por isso, nunca devemos pensar de modo negativo e desenvolver vibrações nas faixas do desencanto, do desinteresse e do desamor .

A existência não está limitada ao ciclo dos encarnados e é essencial que o homem jamais esqueça essa contingência. A existência humana, com os seus dias de experiências, elabora vibrações que constituirão um rastro, como se um cometa fosse, acompanhando-o pelas vidas sucessivas. Pode o homem ignorar todo esse processo, pode mesmo crer que o túmulo marcará o fim de toda a sua «paixão», mas ficará sabendo um dia que a fase desencarnatória, antes de mais nada, mostrará o início de uma realidade sempre maior e mais aquinhada de experiências; todo o seu passado representa um lastro de sustentação para as trilhas futuras. Também, diante o processo reencarnatório estará sempre mais rico de possibilidades e envolto de promessas felizes. Para o ser que reencarna, cômico de suas obrigações e integrado num esquema construtivo, a natureza representa uma perpétua fonte de novidades.

Novamente o dia da reunião aproximava-se e o Nestor dizia para si mesmo:

— Acho e mesmo tenho certeza que o espírito do «general» virá, pelo menos mais uma vez.

Monologava com certa expectativa:

— Esta reencarnação está cercada de fatos interessantes e a constante presença do espírito nas reuniões faz crer tratar-se de um caso especial requerendo elaboração dos dois planos: o espiritual e o material. A equipe espiritual deve estar arregimentando vibrações, em nosso plano carnal, para completar algum trabalho ligado a essa reencarnação. Quem sabe se o espírito do «general» terá uma reencarnação diferente da que pensa! Quem sabe terá um auxílio ainda mais específico dentro de possibilidades que desconhecemos! Os dias vindouros serão bem esclarecedores.

De fato, o dia da reunião chegou e o espírito de nossos interesses mais uma vez apresentou-se. O procedimento para que todos se juntassem em vibrações contingentes com o trabalho era o mesmo: ajudar os necessitados que batiam à nossa porta.

A prece de abertura, a orientação inicial pelo amigo espiritual constituía uma rotina necessária. Os membros do grupo por melhor que se encontrassem espiritualmente, sempre necessitavam de acomodação mental e vibratória para a eficiência do trabalho.

Após as palavras construtivas do orientador, concitando o afastamento dos pensamentos materiais, todos os presentes deviam procurar sintonizar com o Senhor da Vida. O grupo naquele necessário e ordenado silêncio, ia sentindo as benéficas influências e buscava ajudar aos espíritos programados para a noite.

Dois espíritos se comunicaram, cada um por sua vez, em médiuns diferentes. Consigo traziam dificuldades ligadas ao atraso espiritual em que se encontravam e se compraziam.

O doutrinador, sempre atento, leva-os ao terreno do entendimento; mas, um deles não aquiescia sob qualquer ponto de vista; isto obrigou a se lançar mão dos efeitos sugestivos, no terreno hipnótico, a fim de que, afastado das fortes influências negativas que carregava, pudesse ser levado pelas equipes espirituais em condições

de melhor abordagem. Muitos espíritos necessitam, na abordagem inicial, das vibrações que os encarnados possuem, a fim de se coligarem aos orientadores de posição mais elevada, em centro específico de tratamento. A sessão, com a presença das vibrações dos encarnados, possibilita o campo ideal na aplicação de certos métodos de tratamento e que escapa a nossa análise detalhada.

A seguir, o médium Edson incorpora o espírito do «general» que, com um sereno boa noite cumprimenta o núcleo, apesar de não traduzir serenidade. Era a sétima entrevista que comparecia. Como sempre, o doutrinador, com a sua palavra, coloca todos bem à vontade e dirigindo-se ao espírito comunicante inicia o seu relato:

— Caro amigo, como vão as coisas? Está menos pessimista em suas avaliações?

Estive pensando bastante no seu caso e acho que devemos ser mais otimistas.

— Mas doutor - dizia o espírito em comunicação – sou, por estrutura psicológica, muito objetivo. Analisei as possibilidades, com os meus critérios, e não vejo outro caminho senão a reencarnação com defeitos.

O diálogo prossegue entre doutrinador e o espírito. O espírito, dentro de sua análise intelectualista, procurava mostrar que o seu caso não tinha escapatória; e o doutrinador, buscando sempre os parâmetros intuitivos, apresentava as razões do amor como bastantes poderosas.

Isto permitiu um encontro em volta de quarenta e cinco minutos; diálogo que prosseguiu na semana seguinte, com as mesmas características, definindo a oitava entrevista.

Neste oitavo encontro, o «general» apresentou-se, como na sessão anterior, carregando preocupações e desencantos. De um lado, o espírito desanimado com a sua futura reencarnação, do outro, o doutrinador a injetar ânimo e compreensão. Num determinado momento em que o diálogo, nutrido entre o intelectualismo do espírito comunicante e a intuição do doutrinador alcançava certo calor, o Nestor, como que arrebatado, toma a palavra, centralizando a atenção de todos os presentes, incluindo o espírito incorporado no médium de costume. A atitude do doutrinador torna-se diferente e inabitual; dir-se-ia que estava influenciado... O seu olhar era vago, porém significativo e profundo. E, de modo seguro, em prece, derrama os seus sentires:

— Senhor da Vida. Aqui estamos, reunidos em Teu nome, solicitando a Tua bênção de paz e harmonia. Sempre estamos a rogar forças e possibilidades de trabalho ordenado, procurando amparo nas forças do bem, a fim de mais bem escolher os caminhos. Hoje, Senhor, diante o nosso irmão presente ousamos pedir. Pedir, se houver possibilidades, que o nosso «general», em fase reencarnatória, possa ter um corpo sadio e o psiquismo absolutamente ordenado, em futuros dias na Terra. Que ele possa jogar todo o manancial de sua inteligência e experiência no bem da vida, em tarefas dignas e construtivas. Que ao reencarnar possa doar os seus conhecimentos e os novos entendimentos espirituais, agora adquiridos, no exclusivo sentido positivo. Que jamais possa tergiversar na prática do bem e da ordem. Que o seu raciocínio e inteligência, privilegiados, visem uma nova e expressiva construção terrena, de modo a neutralizar o passado negativo que em seus atuais sentimentos, após esclarecimentos em nossas reuniões, representam ideias pregressas. Atende-nos o pedido como sendo o pensamento do nosso despretenhoso grupo de trabalhos mediúnicos. Que assim seja...

O espírito do «general» estava tocado nas fímbrias mais íntimas de sua estrutura psíquica e chorava copiosamente. Mal pôde dizer:

— Meus irmãos, quanta bondade, acho que não mereço tanta proteção e tanto carinho...

Foi encerrada mais uma reunião. Os componentes do grupo, após a sessão, mostravam-se tocados e acudiam ao espírito do «general» com bons pensamentos, aconchegantes vibrações e expressiva dose de boa vontade. Comentavam:

— Como terminará tudo isso? Haverá, realmente, uma reencarnação difícil e plena de provações para este espírito? Será que lhe concederão outra oportunidade, com minoração de possíveis flores? O que estará reservado para o nosso «general» ?

— O grupo já possuía certa intimidade com o espírito. Parecia que já se conheciam há muitos anos. Tudo isso, proporcionava uma carga de pensamentos bondosos e de interesse para com a entidade espiritual. A voz da maioria era de que o espírito fosse beneficiado de algum modo, com aquele acréscimo de misericórdia, tão de acordo com a natureza divina.

— Todo aquele grupo refletindo imensa simpatia para o espírito aguardava, com seus naturais anseios, a próxima reunião.

- 16 -

Na semana seguinte deu-se a nona e última entrevista, com o espírito do «general».

Os componentes da sessão aguardavam os acontecimentos. Qual seria a conduta do mundo espiritual em face ao pedido do grupo? Haveria possibilidade de ter uma reencarnação sem maiores dificuldades físicas e mentais? Já estaria tudo determinado, dentro da Lei, de acordo com as trilhas vividas pelo espírito em reencarnação ?

Antes de ser iniciada a reunião, exatamente uma semana após, comentava um companheiro do grupo o que estava acontecendo com o doutor, o nosso doutrinador:

– Por todos esses anos o comportamento do doutor, nas reuniões, embora com tolerância e amor, sempre foi mais adequado a sua natureza de observador e pesquisador. Mas, no caso do «general», havia alguma coisa a que se ligava, a tal ponto que as preces proferidas apresentavam uma intensa carga mística. Claro que um misticismo construtivo e equilibrado. Mas, está existindo alguma coisa influenciando o nosso doutor, de modo a parecer mais um «sacerdote» do que um psiquiatra perquiridor.

Falou mais um outro companheiro:

Acho que o contacto com um espírito que possui grandes qualidades intelectuais fez o nosso doutrinador encaminhar-se, de modo mais acentuado, para o lado do amor, onde as aferições intuitivas são costumeiras. Parece-nos que o nosso doutrinador foi intuído para fazer um melhor aproveitamento do espírito necessitado, principalmente na fase em que se encontra de aceitação de novas trilhas.

Advertiu um terceiro:

- Tudo isso é plausível, mas existe alguma coisa libada a esses dois – doutrinador e doutrinado.

Apreciava um outro componente do grupo:

- É bem comum, mais do que pensamos, que o atendimento em sessões espíritas acaba nos mostrando o correlacionamento e parentesco entre encarnados e desencarnados; isto explicaria as atrações e aproximações.

E a conversa foi tomando impulso até que foi comentado, com vistas mais profundas; o problema reencarnatório do «general». A reencarnação, pelo desenvolvimento das sessões anteriores, já era um fato. Os componentes do grupo estavam ansiosos para conhecer o tipo de reencarnação que iria ter o nosso «general», se possível fosse, e qual as diretrizes que o caso poderia mostrar.

Intervém o Doutor que há muito escutava e participava das opiniões:

– Acho que este caso se mostrará em sua totalidade. Tantas entrevistas com o espírito do «general» já representa um forte sinal neste sentido. Também, o modo

como o caso está sendo conduzido, onde o grupo está participando de certos detalhes emocionais ligados ao espírito e conhecendo o porque do seu novo mergulho na carne. Não há dúvidas que o espírito do «general» possui, também ângulos positivos, o que lhe facultou a possibilidade de uma nova reencarnação, não ficando abandonado às forças reativas da vida. Está patente a intervenção dos orientadores espirituais. É espírito que já compreendeu os caminhos do bem e com sua «fibra disciplinar» poderá dar um impulso positivo ao novo evento na carne. Claro que não se encontra em posição de escolher os seus novos elementos da vida terrena, mas, também, não se encontra em posição de total desequilíbrio, de monoidéia absolutamente negativa, a defender vinganças e ódios. De modo (que a sua reencarnação será uma bênção e acreditamos que terá um aprendizado produtivo, quiçá bem feliz. Assim, o nosso «general» não sendo espírito (que possa escolher, por atos meritórios, o seu destino na zona física, também, não ocupa a posição de espírito onde a reencarnação é compulsória, como se fora uma verdadeira imposição das forças da vida criadas pelo próprio necessitado. Poderíamos dizer que o nosso «general» já tudo entendeu de seu passado próximo, estando receoso em face as reações futuras. Sabe que um esforço positivo poderá vir em seu benefício, principalmente se estiver ligado às construções morais.

Ainda o Nestor, após pequeno intervalo, continua a sua narrativa:

– A inteligência sem amor, sem os valores morais intuitivos, é sempre perigosa por se acercar, com facilidade, da vaidade. As atitudes atuais do espírito do «general», com as derramadas lágrimas de arrependimento, muito concorreram para novas percepções da vida. O espírito já encara, com certa humildade, as novas possibilidades que o aguardam, como, também, ainda se encontra muito preocupado, mas não revoltado, nem tampouco reagindo diante aos fatos. É possível que tenha pensado: «A vontade da Lei é imperiosa; apesar de tudo compreendo o que se passa. Preciso daquele esclarecimento que anima, dos conselhos que impulsionam positivamente e de consolo que abre as comportas da esperança» .

Aproximava-se a hora da sessão. A expectativa era evidente. Alguns comentavam se o espírito do «general» viria em primeiro lugar ou após outros espíritos, mas devendo trazer solução definitiva sobre o seu caso.

Mesmo sob expectativa os componentes da reunião sabiam comportar-se de modo coerente e ajustado. Procuravam harmonizar os pensamentos nas preces e na possibilidade de ajuda.

A reunião iniciou-se no horário habitual, obedecendo as diretrizes de sempre. Eis que chega o momento do atendimento dos espíritos necessitados.

Pelo médium Anibal manifestou-se um antigo senhor de escravos, fazendeiro de muitas terras em final do século XVIII, a reclamar o seu dinheiro, as fazendas e os próprios escravos. Dizia que todo o seu património foi dividido, a sua revelia, como se já estivesse morrido. Ninguém percebia e nem dava atenção às suas reclamações, porém, hoje, encontrando quem o ouvisse vinha lutar pelos seus direitos. . .

Após dez minutos de doutrinação foi afastado, sem compreensão precisa dos acontecimentos, porém integrando-se na posição de já falecido há dois séculos. A doutrinação intensificou-se no sentido de mostrar-lhe que os patrimônios não são propriedades definitivas e que nós somos apenas usufrutuários do que nos chega às mãos. Percebeu, ainda de modo nebuloso, que os nossos atos comandam o nosso próprio destino: plantamos hoje as sementes do porvir, sem privilégios de qualquer natureza, sendo o presente o reflexo dos nossos atos passados.

A seguir o médium Edson incorpora o espírito do «general». O seu aspecto era sereno e correto, a sua atitude séria e harmoniosa.

Houve pequeno intervalo, um pequeno silêncio; não se sabia quemalaria em primeiro lugar, o doutor ou o espírito comunicante.

O Nestor rompeu o silêncio:

– Caro irmão, nada temos a dizer-lhe, no momento, senão a alegria de vermos e sentirmos quanto a boa vontade, a compreensão e a tolerância vieram em seu auxílio; a sua presente atitude está a nos mostrar o resultado de tudo isso. Diríamos que a sua presença é harmônica e equilibrada. Sabemos que hoje nos dirá qual as diretrizes que foram tomadas e determinadas para sua reencarnação e qual as lutas que terá de enfrentar no seu processo de realização. Qualquer que tenha sido o caminho conte conosco, em pensamentos construtivos e em preces de amparo. O nosso núcleo de trabalhos aí está para todos esses encontros, para os espíritos que nos visitam com as suas necessidades e dificuldades. Somos ainda muito limitados e nada fazemos sem o auxílio dos nossos irmãos maiores, mas, fique certo que estará sempre em nosso coração; lembraremos sempre o amigo e irmão que caminhou do pólo da arrogância e vaidade intelectual para a posição de humildade e compreensão. Todos somos filhos de Deus e com imensas possibilidades nos labores da vida, quer nos encontremos encarnados ou desencarnados; você não será exceção.

A pausa indicava que o Nestor terminara e que chegara o momento do «general» falar, o que realmente o fez:

— Meus irmãos, vim agradecer de joelhos a oportunidade da nova encarnação a todos vocês que nos ajudaram: às equipes de encarnados e de desencarnados, embora pouco percebendo esta última, e como sendo as atividades maiores que se desenvolveram por todo esse tempo de nosso esclarecimento. Onero dizer que me foi concedido, nesta nova rotagem, um corpo absolutamente sadio, sem defeitos físicos ou de ordem mental.

O interesse e alegria do grupo foi geral e mesmo contagiante. Os presentes como que concentraram mais ainda a atenção, a fim de não perderem a continuidade do relato. Prosseguiu, com serenidade, o «general»:

— Não só serei pessoa sadia, como terei uma educação em família espírita. Reencarnarei no lllrasil. A minha primeira reencarnação nestes rincões. Diiz-me o orientador que poderei implantar os fatores da inteligência, do raciocínio e das minhas experiências pregressas num tipo de vida absolutamente construtivo. Terei as naturais e normais dificuldades na carne, pois será reencarnação com alguns tumultos próprios da época, de fim de século e de transição milenar, onde tudo se mostrará frente a frente, o bem e o mal. O meu corpo sadio e a mente harmoniosa, ao lado de uma educação adequada em família, do tipo médio, porém conscia de deveres, permitirão que eu adquira os fatores ligados à minha missão. Trabalharei e lutarei pelo bem com todas as minhas forças.

O espírito do «general», como quem procurava novas palavras, continuava o seu relato:

— Necessito de todos vocês, desses corações amigos, para que eu possa levar avante a missão que me foi designada e confiada. Diz o nosso orientador espiritual que a reencarnação está preparada e que eu, praticamente, já me encontro ligado às vibrações dos meus futuros genitores: e que os meus pais já estiveram em visita, durante o sono físico, em nossa esfera. Que eu estive perto deles, em estreito contacto, mas, apesar de tudo, não consegui perceber senão movimentos à minha volta. Não consegui identificá-los mas senti paz e segurança. Disseram-me, também, que fui integralmente aceito pelo casal. Terei vida terrena relativamente longa, com possibilidades e condições para construir. Todo esse tempo está bem mensurado para as minhas realizações, e que devo aproveitá-lo. Se eu falhar o meu atraso evolutivo, no tempo, será imenso, pois terei que

repetir inúmeras e extensas experiências, acompanhadas de dor. .. Mas, em tudo isso, reconheço quanta bondade e quanta misericórdia, quanto amor para alguém que não merece e que não é mais do que um pária necessitado de redenção. O que me anima é o ânimo de todos vocês, o que me dá segurança e possibilidades de vencer é a fé que todos vocês carregam e difundem. Meus amigos, eu agradeço de coração todo o amparo que tive.

Em atitude constricta, o nosso reencarnante derrama lágrimas copiosas e coloca a cabeça nas mãos. Todos, em silêncio, aguardavam o prosseguimento de toda aquela manifestação. Quão longe estava aquele espírito dos dias em que reagia diante as idéias construtivas no bem; quão desconfiado se encontrava naqueles dias em que se apresentara em nossa reunião, desconhecendo as finalidades e propósitos de nossa reunião!

Mais uma vez o doutrinador rompe o silêncio:

— Meu irmão, dentro em pouco será levado para os seus futuros pais. Terá que guardar consigo um manancial de forças positivas. Essas forças, acoladas em sua estrutura espiritual, facilitarão a construção positiva de seu corpo físico no sentido de se apresentar sadio e harmônico, inclusive na esfera mental. Todo esse pensamento, de caráter positivo, impedirá que haja comprometimento na onda morfogenética, isto é, das energias espirituais que farão parte do campo modelador da organização física. Assim, neste momento, coloquemos a prece adequada que a ocasião exige. Todos juntos, num pensamento de paz, agradeçamos ao Senhor da Vida a oportunidade alcançada neste trabalho conjunto.

— O Nestor toma uma atitude psicológica que denota altissonância vibratória, nutrida por exaltação emocional, e ora:

— Mestre da Vida. Amarável amigo das nossas almas. No recôndito mais íntimo das nossas organizações, onde os impulsos emocionais mais qualificados se esparzem, tentamos perceber as Tuas Vibrações de envolvimento que a Terra recebe sem cessar. Nesta posição, Mestre amigo, desejamos agradecer por tudo que foi alcançado neste núcleo às expensas dos Teus Embaixadores, nossos irmãos maiores. Rogamos forças para prosseguirmos, discernimento, a fim de entendermos a Tua Seara e, mais do que tudo, o acréscimo de misericórdia recebido. Que o novel reencarnante possa abastecer as suas energias na fé raciocinada que adquirirá na forja das experiências terrenas e no esclarecimento que a Doutrina Espírita lhe propiciará. Que o nosso grupo possa continuar atento no cumprimento dos seus deveres e, pelo aprendizado de todas as horas, tenha sempre condições mais bem expressivas de ajuda e orientação.

O Nestor acerca-se mais ainda do espírito que se encontrava perfeitamente integrado com as vibrações que a prece propiciava, e em carinhoso gesto aconchega as suas mãos nos ombros do médium em transe e prossegue:

— Senhor, o Teu Filho aqui está em fase reencarnatória. Permita que todos os presentes participem desse evento e que os nossos mentores possam entregá-lo aos seus futuros pais.

Neste momento, o espírito que se encontrava bem aconchegado no médium, fala:

— Meus amigos, estou ficando sonolento e como que diminuindo. Estão me explicando que já é o processo reencarnatório em ação e que o doutrinador prosseguirá.

O Nestor, compreendendo a necessidade de uma sólida e segura reencarnação, novamente dirige a palavra ao nosso «general» que a pouco e pouco perdia o contacto com o ambiente.

— Meu irmão, esse sono é normal. Coloque em seu coração a idéia de ressarcir o pretérito às custas de experiências positivas na nova romagem. Carregue o seu íntimo com a idéia crística; que irá vencer pelo desenvolvimento do bem; que o seu coração está

inundado de paz e compreensão; que as suas vibrações estão perfeitamente ajustadas para a construção de uma nova vida que valha pela qualidade.

O doutrinador, aproveitando a ocasião, induz sugestões positivas, em autêntico fenômeno hipnótico:

— Meu irmão, Jesus está em seu coração. A pouco -e- pouco o sono está se intensificando e, ao mesmo tempo, vai havendo uma redução de sua organização perispiritual. Diminua. . . diminua. . . diminua. . . Tudo é paz no ambiente; tudo é ordem; tudo é harmonia... A felicidade está a envolver todo o nosso ambiente.

Ao tempo em que assim falava o doutrinador, em passes magnéticos dirigidos ao médium que abrigava o espírito em sono, como que ajudava o processamento reencarnatório; prosseguia em sua indução hipnótica:

— Durma, durma com muito sono, sono, sono.. . A sua redução é cada vez maior e a sua consciência está esquecendo todo o passado e lembrando que terá um corpo sadio, que terá uma adequada educação e que, em paz na nova rotagem, poderá muito realizar em nome do Senhor.

Os passes magnéticos acompanhavam as atitudes verbais que o doutrinador desenvolvia na organização do médium que acolhia o espírito. A sugestão hipnótica tornava-se eficiente; os passos da hipnose avançavam e aprofundavam o sono. O espírito dormia. O processo reencarnatório estava em andamento. As sugestões visavam, cada vez mais, implantar nas profundezas do inconsciente ou zona espiritual, os sedimentos de reflexos que facilitassem as suas futuras realizações.

Com certo cuidado, o Nestor proferiu as palavras finais:

— Vá, meu filho, de encontro ao seu novo destino com a bênção do nosso Mestre Jesus.

O desligamento se foi dando e o médium, recuperando a consciência, foi perguntando alguns detalhes, a fim de que a ajuda fosse a mais eficiente possível.